



Ministério da Educação

Universidade Federal do Paraná

Setor de Tecnologia

Curso de Arquitetura e Urbanismo



gustavo utrabo

HABITAR A METRÓPOLE: HABITAÇÃO COLETIVA

CURITIBA

2009

gustavo utrabo

HABITAR A METRÓPOLE: HABITAÇÃO COLETIVA

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADORA:

Prof^a. Msc. Paulo César Braga Pacheco

CURITIBA

2009

TERMO DE APROVAÇÃO

ORIENTADOR:

Prof. Msc. Paulo César Braga Pacheco

EXAMINADOR:

Prof. Dr. Antônio Manuel Nunes Castelnou

EXAMINADOR:

Prof. Msc. Artur Renato Ortega

Monografia defendida e apresentada em:

Curitiba, 30 de junho de 2009

DEDICATÓRIA

Aos apaixonados pela arquitetura.

AGRADECIMENTOS

Aos mestres Paulo César Braga Pacheco e Ricardo José Machado
Pereira.

EPÍGRAFE

“Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa em alguma coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor de hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável – árvores e pedras são apenas aquilo que são.”

Italo Calvino

RESUMO

A pesquisa realizada tem como objetivo unir bases para a elaboração do trabalho final de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná. O projeto consiste em uma habitação coletiva em Curitiba que aborda os questionamentos metropolitanos e as necessidades vigentes. Assim a pesquisa faz um relato histórico, tipológico e conceitual da habitação e suas relações com a cidade, propondo diretrizes programáticas para o trabalho que será realizado.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁG.
2.1.1	Centro Medieval de Genova.....	04
2.1.2	Plano de Paris.....	05
2.1.3	Londres.....	06
2.1.4	Ernest May.....	06
2.1.5	Le Corbusier.....	07
2.1.6	Le Corbusier.....	07
2.1.7	Unité d'Habitation.....	09
2.1.8	Unité d'Habitation.....	09
2.1.9	Unité d'Habitation.....	09
2.1.10	Unité d'Habitation.....	09
2.1.11	Unité d'Habitation.....	10
2.1.12	Unité d'Habitation.....	10
2.1.13	Conjunto Pedregulho.....	11
2.1.14	Conjunto Pedregulho.....	11
2.1.15	Planta se Situação.....	12
2.1.16	Planta Pavimento Térreo.....	12
2.1.17	Planta Duplex.....	13
2.1.18	Corte Conjunto Pedregulho.....	13
2.1.19	Archigram.....	14
2.1.20	Archigram.....	14
2.1.21	Rem Koolhaas.....	15
2.1.22	Peter Eisenman.....	15
4.1.1	Paulo Mendes da Rocha.....	25
4.1.2	Plantas e cortes Conjunto Nemausus.....	26
4.1.3	Vista habitação Conjunto Nemausus.....	26
4.1.4	Alvar Alto.....	27
4.1.5	Otto Jager e Werner Muller.....	28
4.1.6	Otto Jager e Werner Muller.....	29
4.1.7	Hans Scharoun.....	30
4.1.8	Peter Phippen.....	31
4.1.9	Diener e Diener.....	32
4.1.10	Terba Buena Lofts.....	34
4.1.11	Corte longitudinal.....	34
4.1.12	Elevação frontal.....	34
4.2.1	Planta Tipo.....	35
4.3.1	Corte Bryghusprojktet Oma.....	37
4.3.2	Corte Bryghusprojktet Oma.....	37
4.3.3	Vista Interna Bryghusprojktet Oma.....	37
4.6.1	Cctv.....	40
4.7.1	House XI.....	42
4.7.2	Kansai National Diet Galery.....	42
5.1.1	Esquema de Funções e Fluxos.....	44
5.1.2	Esquema.....	45

5.1.3	Esquema.....	46
5.1.4	Implantação.....	47
5.1.5	Plantas Pavimento Tipo.....	47
5.1.6	Corte Transversal.....	48
5.1.7	Corte Longitudinal.....	48
5.1.8	Plantas Nível 20 e Nível 19.....	49
5.1.9	Planta Nível 14, Nível 13.....	49
5.1.10	Planta Nível 12 e Nível 10.....	50
5.1.11	Render Inicial.....	50
5.1.12	Tipologias de Plantas.....	51
5.1.13	Render Inicial.....	52
5.1.14	Perspectiva Externa.....	52
5.1.15	Perspectiva Externa.....	53
5.1.16	Perspectiva Praça Elevada.....	53
5.2.1	Vista Aérea Noturna.....	54
5.2.2	Vista Exterior.....	55
5.2.3	Vista Aérea Exterior.....	55
5.2.4	Vista Acesso.....	56
5.2.5	Vista Interior.....	56
5.2.6	Vista Interior.....	56
5.2.7	Vista Interior.....	57
5.2.8	Planta Apartamento Com um Quarto.....	57
5.2.9	Planta Apartamento Com dois Quartos.....	58
5.2.10	Planta Apartamento Com três Quartos.....	58
5.2.11	Planta Apartamento Com quatro Quartos.....	59
5.2.12	Planta Apartamento Com cinco Quartos.....	59
5.3.1	Vista Aérea.....	59
5.3.2	Planta Situação.....	60
5.3.3	Planta Apartamento Tipo.....	61
5.3.4	Elevação Lateral.....	61
5.3.5	Vista Acesso.....	62
5.3.6	Vista Frontal.....	62
5.3.7	Vista Pátio.....	62
5.4.1	Vista Externa 360°.....	63
5.4.2	Vista Acesso.....	64
5.4.3	Vista Varanda.....	64
5.4.4	Vista Varanda.....	65
5.4.5	Vista Lateral Esquerda.....	65
5.4.6	Vista Externa.....	66
5.4.7	Vista Externa.....	66
5.4.8	Vista Interna.....	66
6.1	Croqui Realidade.....	67
6.2	Mapa de Curitiba.....	68
6.3	Mapa Bairro Centro Cívico.....	69
6.4	Foto Aérea.....	70
6.5	Foto Aérea.....	71

6.6	Croqui Condicionates.....	72
6.7	Foto 1.....	72
6.8	Foto 2.....	73
6.9	Foto 3.....	73
6.10	Foto 4.....	73
6.11	Foto 5.....	73
6.12	Foto 6.....	73
6.13	Foto 7.....	74
6.14	Foto 8.....	74
6.15	Foto 9.....	74
6.16	Foto 10.....	74
6.17	Foto 11	74
6.18	Guia Amarela.....	75

SUMÁRIO

RESUMO	VII
LISTA DE FIGURAS	VIII
1. Introdução	1
1.1. Delimitação do tema.....	1
1.2. Objetivos	
1.2.1. Objetivo geral.....	2
1.2.2. Objetivo específico.....	2
1.3. Justificativas.....	2
1.4. Metodologia de pesquisa.....	3
1.5. Estrutura de trabalho.....	3
2. Breve história da evolução urbana e habitacional	4
2.1. Cronologia global.....	4
2.2. Cronologia nacional.....	16
3. A metrópole	18
4. A habitação	23
4.1. A organização da Habitação – a idéia da planta.....	24
4.2. Planta tipo.....	35
4.3. Corte livre.....	36
4.4. Circulação vertical.....	38
4.5. Circulação horizontal.....	38
4.6. Escala.....	39
4.7. Forma/função.....	41

5. Estudos de caso	43
5.1. El Mirador (2001-2005) MVRDV.....	43
5.2. 56 Leonard Street, New York.....	54
5.3. Edifício “ A Baleia” Architekten Cie. Amsterdã, Holanda.....	60
5.4. Edifícios 360° - Isay Weinfeild e Fidalga 727- Tryptique.....	61
6. Interpretação da realidade	68
7. Diretrizes gerais do projeto	76
8. Conclusão	78
9. Referências Bibliográficas	79
10. Referências Webgráficas	81
11. Fontes de Ilustração	81

1. Introdução

É inegável a importância da habitação, conseqüentemente da ocupação urbana. Esta necessidade inerente à alma humana tornou possível e quase que necessária à criação das cidades. A metrópole, conseqüência natural do desenvolvimento urbano, oferece diversas maneiras de habitá-la. Estas diferentes alternativas de morar devem responder ao momento presente do indivíduo, rejeitando referências ao anacronismo.

Contudo, a realidade vivida nas grandes cidades brasileiras é muito distinta da desejável. As habitações coletivas estão sendo repetidas embasadas em parâmetros simplesmente imobiliários e não mais espaciais. Isto, nega o direito adquirido dos habitantes urbanos da verdadeira espacialidade desenvolvida pelo homem no decorrer de sua história.

Entretanto, há algumas proposições habitacionais desenvolvidas por arquitetos, que buscam uma vivacidade urbana juntamente com a individualidade, realizando espaços surpreendentes e flexíveis, característicos do hoje.

1.1. Delimitação do tema

Propõe-se abordar a habitação coletiva no centro urbano de Curitiba para diferentes formações familiares. Numa busca de um número razoável de apartamentos mais suas funções complementares, como área para lazer, áreas culturais e de prestação de serviços.

1.2. Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O desenvolvimento dessa pesquisa permitirá compreender um pouco mais sobre as relações complexas existentes nas metrópoles brasileiras, além das necessidades habitacionais vigentes.

1.2.2 Objetivos específicos

Adquirir referências para projetar um edifício multifuncional com ênfase na habitação coletiva de alta densidade, que proponha uma distinta relação com seu complexo meio urbano. Projetar uma edificação que propicie segurança, conforto e privacidade, como também sentimentos de identidade e pertencimento a certo lugar. Buscar um edifício facilitador da vida e das mais diversas complexidades urbanas, ou seja uma habitação que proporcione um espaço dinâmico, fluido e flexível o suficiente para abrigar as mais diferentes famílias contemporâneas.

1.3. Justificativas

O estudo da habitação coletiva surgiu pela necessidade da materialização do estudo do espaço habitacional metropolitano. A habitação coletiva é a tipologia habitacional que mais responde às necessidades de uma metrópole. Contudo hoje, no Brasil, essa está em grande parte a cargo das grandes empreiteiras ou grupos de investimentos, o que as torna um investimento, mascarando suas reais características e complexidades.

1.4. Metodologia de pesquisa

A realização da pesquisa, que servirá como base para elaboração do projeto, será realizada a partir de pesquisas bibliográficas, infográficas e de estudos de caso pertinentes ao assunto.

1.5. Estrutura do trabalho

O Trabalho está fundamentado em seis capítulos. O primeiro realiza uma análise histórica da relação entre a cidade e a habitação. O segundo expõe alguns conceitos de importância para a análise e o entendimento de uma metrópole, para após delimitar alguns conceitos sobre habitação coletiva. No quarto capítulo são analisados cinco obras que demonstram características semelhantes ao projeto que será desenvolvido posteriormente. Ainda é estabelecido um panorama da realidade e do sítio escolhido para a realização do futuro projeto. E por fim são traçadas as diretrizes de projeto.

2. Breve história da evolução urbana e habitacional

A habitação sempre esteve relacionada com o tempo vivido. Assim nos próximos dois sub-capítulos é relatada uma breve cronologia dos elementos modificadores da habitação, iniciando pelas características globais e posteriormente as brasileiras.

2.1. Cronologia global

Na cidade medieval, cercada por muros, as habitações desenvolviam-se em densas edificações e conformavam juntamente com as demais funções urbanas um tecido compacto e irrigado por pequenas vielas.



Figura 2.1.1. Centro Medieval de Gênova.
(Fonte: GOOGLE EARTH, 2009).

Segundo Benévolo (2001), após as reformas renascentistas e barrocas no decorrer da história surgiram duas grandes forças modificadoras do tecido urbano. A primeira foi a revolução francesa, embasada nas idéias iluministas e na busca da liberdade, igualdade e fraternidade (“*Liberté, Egalité, Fraternité*”), a qual fomentou e conformou uma nova e distinta organização social, através da ascensão da burguesia, remodelando assim as relações e o espaço urbano.

Outra elemento modificador do tecido urbano medieval foi a revolução industrial. Pois esta modificou e ampliou as necessidades conformadoras da cidade, ao trazer o problema habitacional de massa à tona. Problema decorrente do inchaço populacional das grandes cidades e da indispensabilidade do novo proletariado. Além das mais novas interações providas das diversas máquinas que nasciam.

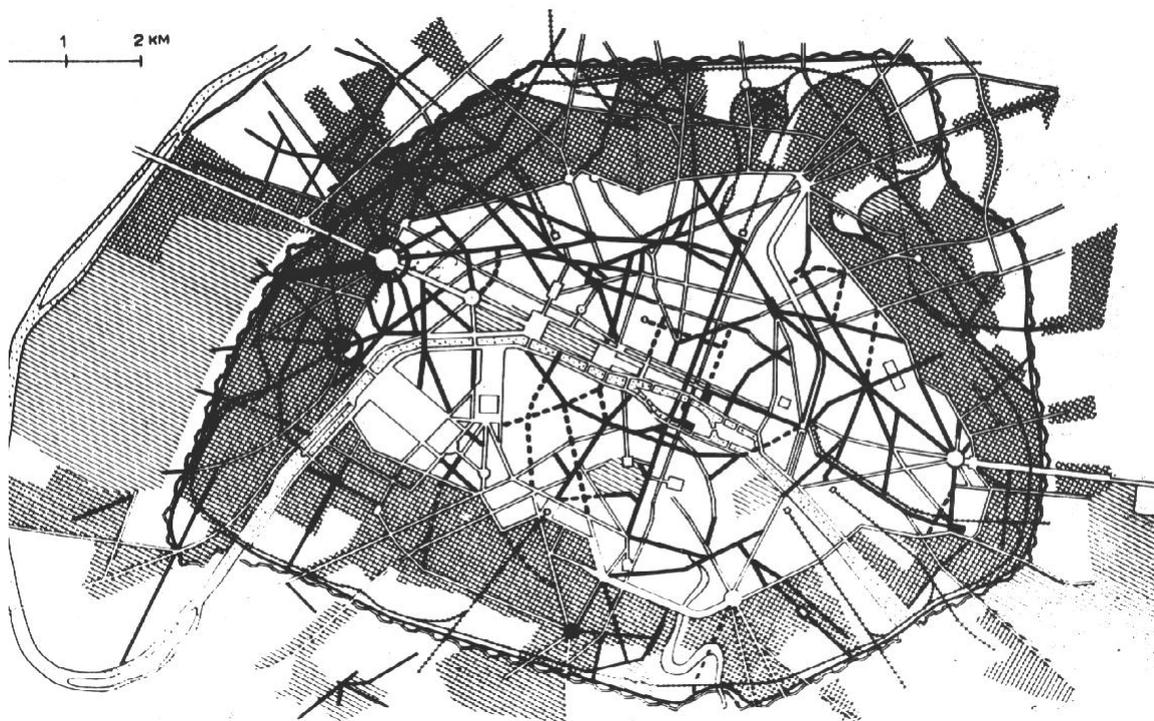


Figura 2.1.2. Plano de Paris, 1830 a 1850. Autor: Haussmann. Em branco, as ruas existentes; em preto as novas; em quadriculado, os novos bairros; em textura, as zonas verdes.

(Fonte: BENÉVOLO, 1983).



Figura 2.1.3. Londres, viaduto de Ludgate Hill (gravura de G. Doré, 1870).
(Fonte: OLDBAULEYONLINE, 2009).

Após a virada do século, surgiu o terceiro vetor que modificou de maneira considerável as cidades. As grandes guerras mundiais, a I Guerra Mundial em 1914/1918 e a II Guerra Mundial em 1939/1945. Com as cidades devastadas, as novas tecnologias, e a grande carência habitacional, o Movimento Moderno tem a possibilidade de implantar seus conceitos teóricos. Baseados na Carta de Atenas (1933) buscavam novas tipologias habitacionais que suprissem as necessidades do homem moderno.

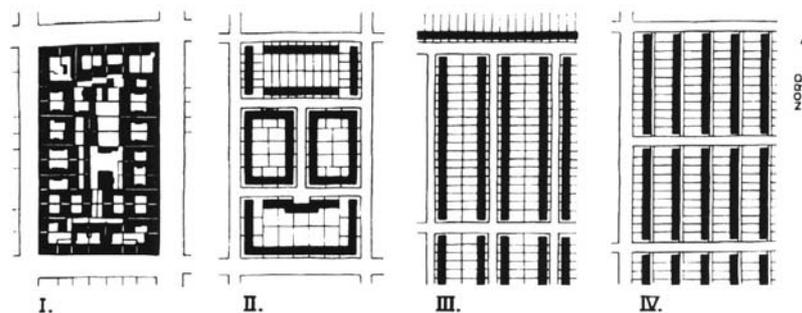


Figura 2.1.4. Ernst May, estudo comparativo entre ocupação tipo barras paralelas e tecidos urbanos tradicionais.
(Fonte: BENÉVOLO, 1983).

Segundo Baker (1998) Entre os arquitetos modernos estava Charles-Edouard Jeanneret (1887- 1965), conhecido como Le Corbusier, com seus planos urbanos que possibilitariam uma alta densidade a partir de um padrão mínimo (El Modulor). Entre seus planos urbanísticos estão: Plano Voisin (1925) Plano Ville Radieuse e Plano para a cidade de Argel (1930).

Tais planos vislumbravam uma nova cidade, esta marcada pela máquina e projetada de uma maneira sanitarista. Planos em que a habitação era pensada de maneira massiva e própria para repetição; uma habitação mínima e independente que se repetiria formando uma edificação e que poderia ser reproduzida ilimitadamente.



Figura 2.1.5. Le Corbusier, Planos de Paris (1922 a 1946), Plano Voisin, 1925. (Fonte: VITRUVIUS, 2009).



Figura 2.1.6. Le Corbusier, Plano Voisin para Paris, 1925. (Fonte: VITRUVIUS,2009).

Entre seus projetos de habitação coletiva, há um que deve ser citado: a Unidade de Habitação de Marselha (1946-1952), França. A unidade de Le Corbusier está ligada a uma comunidade que conviveu com a problemática do pós-guerra na França. Assim, Le Corbusier proporciona a moradia para até 1.600 pessoas em uma única laje (Figs 2.1.7 a 2.1.12). A edificação é em concreto aparente, material que Le Corbusier aclama como um material natural, com uma especial textura decorrente das formas utilizadas em sua execução. Os pilotis soltam a edificação do solo e tornam possível a grande permeabilidade visual. Contudo, o plano entre apartamentos já não é completamente livre: as divisórias são os suportes das cargas, libertando as fachadas e garantindo uma boa inércia acústica entre apartamentos.

Conforme Boesiger (1999) a unidade possui 337 apartamentos de 23 tipologias distintas, variando de apartamentos para solteiros até famílias com oito crianças. Os apartamentos estão distribuídos em pares a cada três pavimentos, utilizando assim somente cinco corredores de circulação horizontal. Cada apartamento possui dois andares e está conectado por uma escada. Ao longo da circulação horizontal do sétimo e oitavo andar distribuíram-se diferentes funções como: um pequeno mercado, uma panificadora e uma farmácia, além de uma lavanderia e uma oficina postal. No mesmo corredor está o hotel, um restaurante e um pequeno bar que servem os apartamentos. No 17º e no último pavimento estão localizados uma creche e um jardim de infância. Além disso, há um terraço com um espaço aberto para prática de esportes, um bar e um solário.

Segundo Boesiger (1999) a Unidade de Marselha propunha uma associação de atividades sociais, culturais, artísticas e de lazer, além das relações de vizinhança com seus moradores, os quais deveriam participar ativamente da gestão da edificação.



Figura 2.1.7. Unité d'habitation Le corbusier Marseille.
(Fonte: PANORAMIO, 2009).



Figura 2.1.8. Unité d'habitation Fachada Sul.
(Fonte: GALINSKI, 2009).



Figura 2.1.9. Unité d'habitation - quarto.
(Fonte: GALINSKI, 2009).

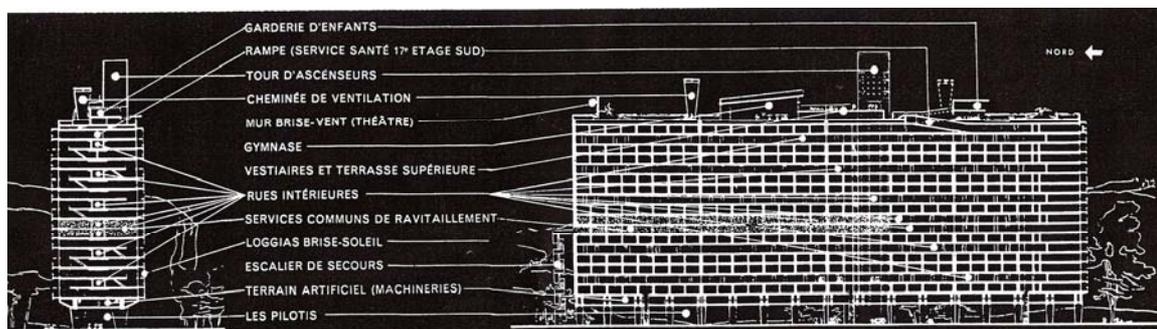


Figura 2.1.10. Unité d'habitation – Corte Funções.
(Fonte: BOESINGER, 1999).

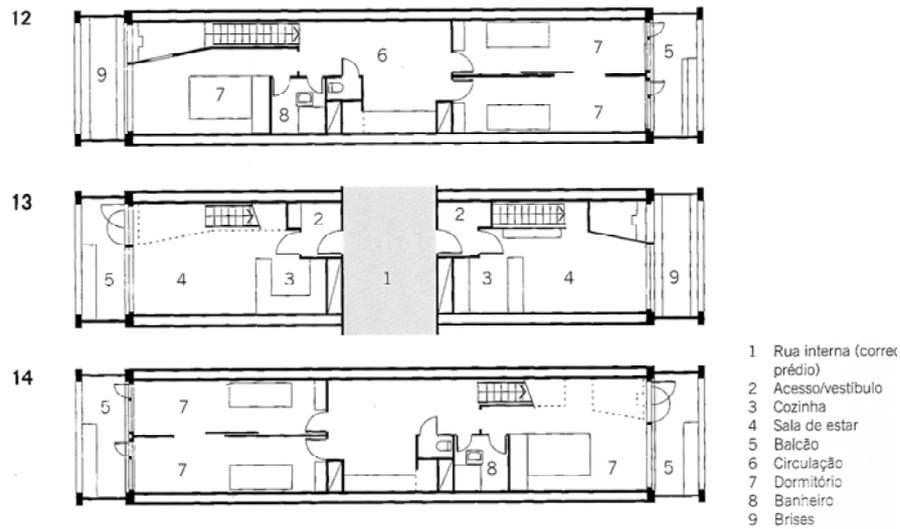


Figura 2.1.11. Unité d'Habitation – Plantas de uma par de apartamentos..
(Fonte: FRENCH, 2009).

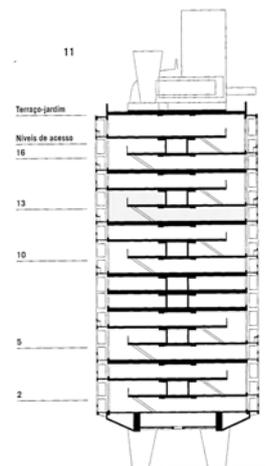


Figura 2.1.12. Unité d'Habitation – corte.
(Fonte: FRENCH, 2009).

Outro projeto interessante desse período foi o Conjunto do Pedregulho (1955) projetado por Affonso Eduardo Reidy no Morro do Pedregulho em São Cristóvão, Rio de Janeiro, então capital federal. A arquitetura de Reidy desenvolveu-se segundo Mahfuz (2003) a partir da influência intelectual de Lúcio Costa, e a absorção de elementos da obra de Le Corbusier. Contudo, não foi a afiliação corbusiana seu maior mérito, mas sim o modo como foi desenvolvida e transcendida.

Segundo Nazareth (2008), o projeto de Reidy mostra a preocupação com o homem, já no final dos anos 40, no qual o habitar não se resume unicamente à vida no interior de uma casa, propondo assim a composição entre moradia e o espaço externo e promovendo a instalação de serviços complementares às famílias na mesma área dos edifícios residenciais. O Conjunto do Pedregulho destinou-se a atender à demanda habitacional dos funcionários públicos do Estado, constituído por sete edifícios: três residenciais, quatro de serviço e áreas de lazer e piscina (Figs 2.1.13 a 2.1.18).



Figura 2.1.13. Conjunto de Pedregulho, Affonso Reidy. Foto da época da construção. (Fonte: VITRUVIUS, 2009).



Figura 2.1.14. Conjunto de Pedregulho, Affonso Reidy. Implantação. (Fonte: VITRUVIUS, 2009).

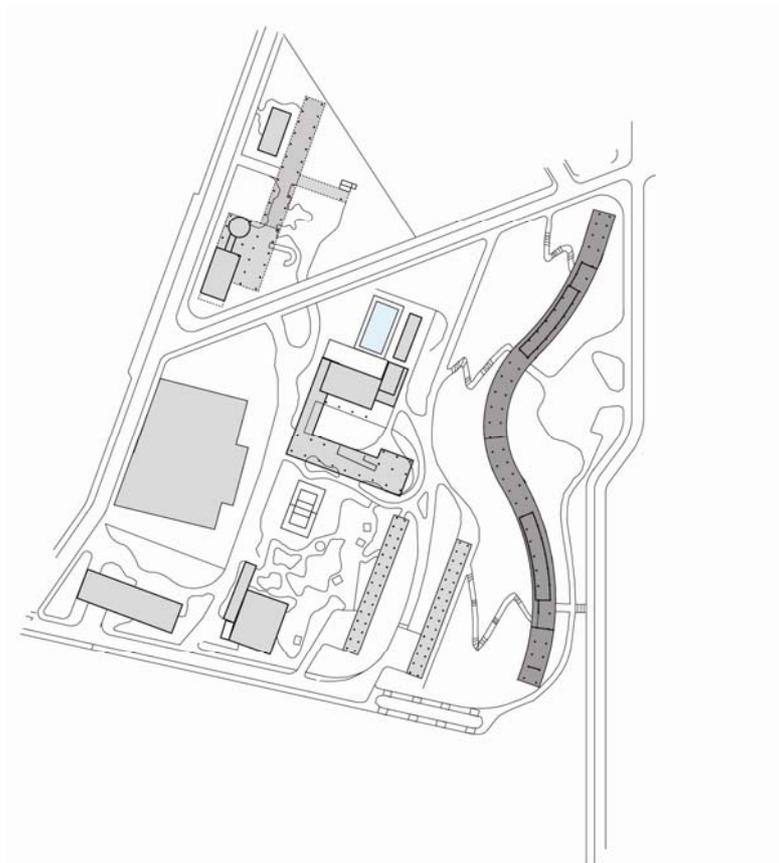


Figura 2.1.15. Planta de situação Conjunto Pedregulho, Affonso Reidy. 1950-1952.
(Fonte: FRENCH, 2009).

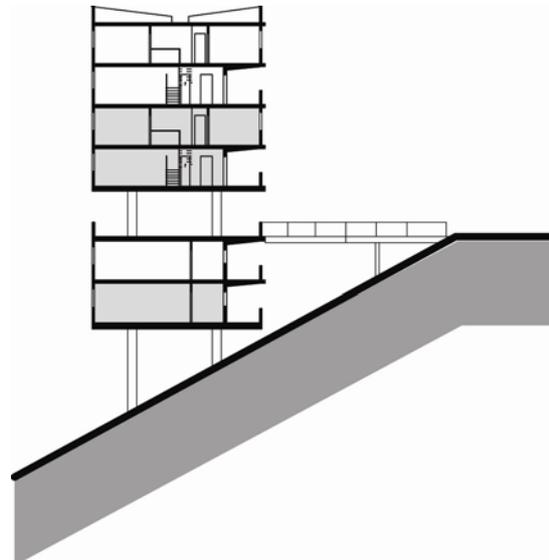


Figura 2.1.18. Corte Conjunto Pedregulho 1950-1952.
(Fonte: FRENCH, 2009).

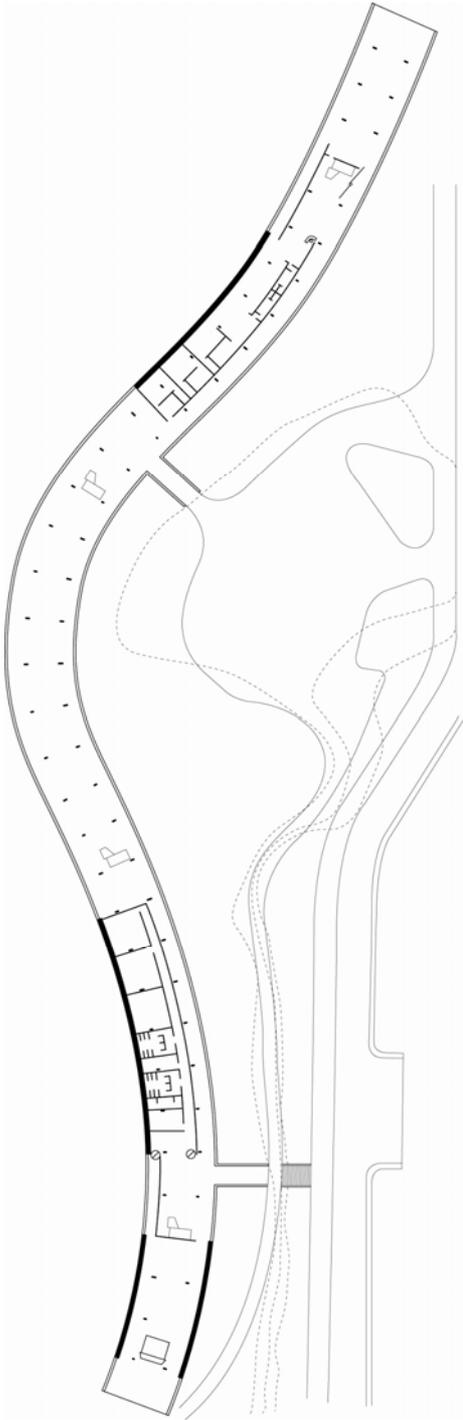


Figura 2.1.16. Planta pavimento intermediário, nível 3, Conjunto Pedregulho 1950-1952. (Fonte: FRENCH, 2009).

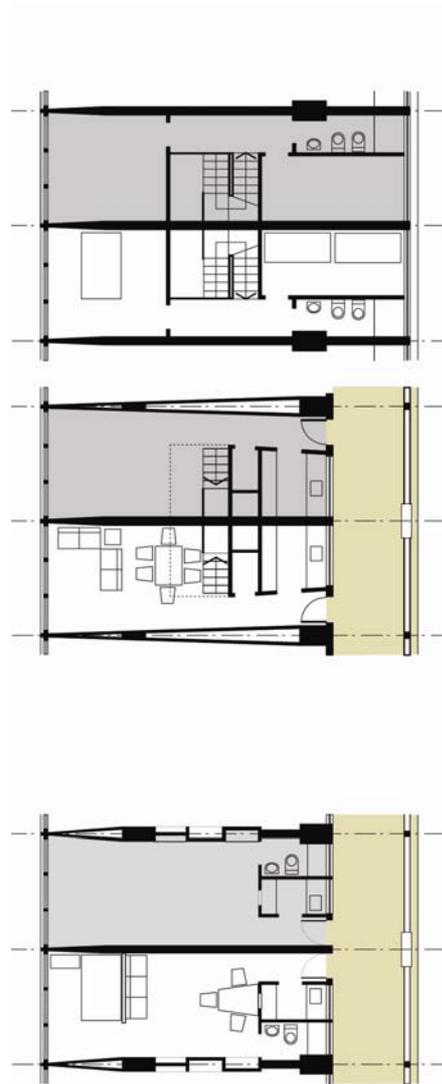


Figura 2.1.17. Planta Duplex de dois apartamentos de um dormitório, (Fonte: FRENCH, 2009).

A exacerbação do padrão e a falta da individualidade, entre outros fatores levaram o Movimento Moderno a uma revisão que se iniciou em 1960.

Entre seus revisores, encontra-se o grupo ARCHIGRAM, propondo novas formas de conformações urbanas, tratando com maior importância a individualidade do homem e assim a habitação. Outra revisora do Movimento Moderno foi Jane Jacobs, que tem maior importância no próximo capítulo. Os japoneses também tiveram grande destaque nesse momento histórico, entre eles: Arata Isozaki com sua cidade aérea de 1960 e Kenzo Tange com Plano para a Baía de Tóquio, 1960.

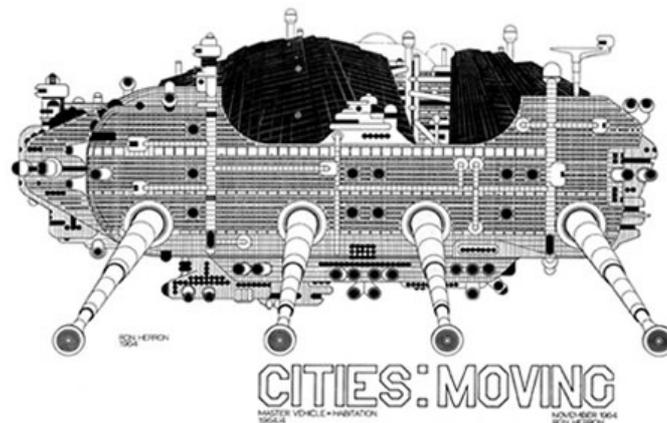


Figura 2.1.19. ARCHIGRAM, Walking City. (Fonte: CPLUV, 2009).

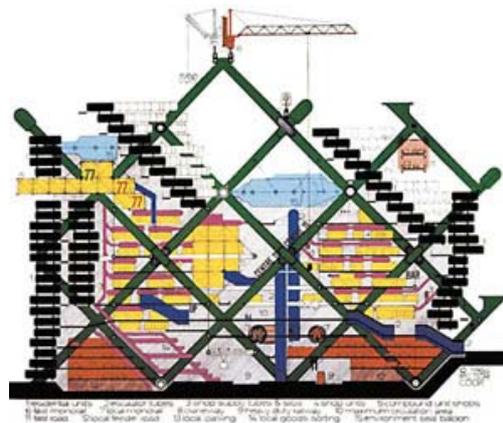


Figura 2.1.20. ARCHIGRAM (Peter Cook): Plug-in city (1963-4). (Fonte: ARTTOWERMITO).

Com a previsão da virada do novo milênio, o inchaço das cidades ao ponto de transformá-las em metrópoles e as novas possibilidades oferecidas pelas facilidades digitais, conformou-se novas carências humanas. Assim uma vez mais, novas tipologias habitacionais surgem para suprir a realidade metropolitana do homem multicultural.

Entre os questionadores desse momento destacam-se: o arquiteto holandês Rem Koolhaas, com suas novas teorias multifuncionais, o arquiteto americano Peter Eisenman e o grupo de arquitetos MVRDV, com suas novas habitações coletivas.

Segundo Kipnis (1985) a importância de Peter Eisenman na evolução de uma concepção arquitetônica desenvolvida em suas dez casas é notável, pois essas buscam novas relações ainda não existentes e mostram seu amadurecimento frente aos questionamentos habitacionais.



Figura 2.1.21. Rem Koolhaas – OMA – Terminal Marítimo Bélgica 1989¹.
(Fonte: ARCHITECTURE.ABOUT,2009).

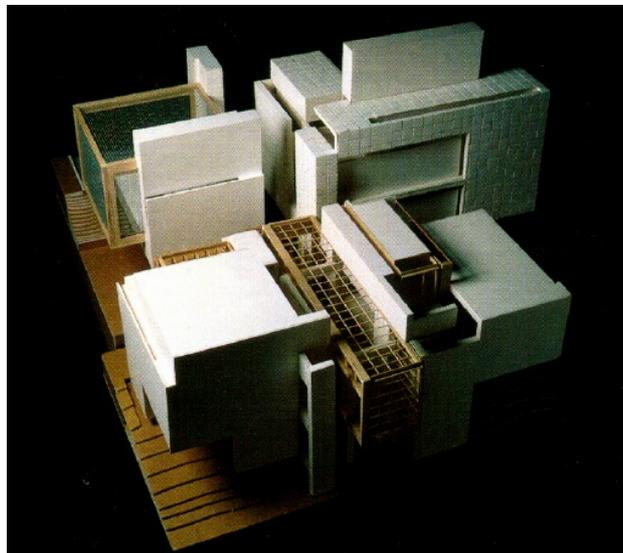


Figura 2.1.22. Peter Eisenman House X 1975 Michigan.
(Fonte: ARCH.ETHZ,2009).

¹ Projeto no qual as escadas se adicionaram tornando o projeto global, assim sua importância não é decorrência de sua função, mas sim da suas sobreposições.

2.2. Cronologia nacional.

Segundo Lemos (1996), o Brasil colonial foi marcado por duas vertentes distintas na arquitetura: uma possui relações com a arquitetura vernácula portuguesa e a segunda preponderantemente urbana, com significativas variações. Assim, inicialmente a casa brasileira nasceu do mimetismo português e não da arquitetura indígena que era praticada no Brasil, pois essa se caracterizava por plantas circulares, obtidas através do sistema estrutural específico.

Lemos (1996) relata a precariedade inicial na construção civil, decorrente da falta de mão-de-obra e da grande variedade de imigrantes, o que dificultava a troca de conhecimentos. Contudo, havia uma enorme disponibilidade de recursos naturais; fator que adicionado ao comércio na rota dos tropeiros provocou uma arquitetura heterogênea no interior brasileiro.

Porém, nas cidades de maior tradição a planta lusitana prevalecia. A casa desse período era implantada em lote estreito formada por cômodos alinhados; a sala de visitas era disposta frontalmente, os quartos no meio e a cozinha nos fundos era ligada a uma varanda e ao quintal.

Com a chegada da corte portuguesa, o Brasil passou por uma fase de pujança econômica, com a modernização de suas principais cidades através das novas técnicas construtivas que eram apresentadas. Com tais evoluções, foi possível a ampliação da comunicação no território brasileiro e diminuiu progressivamente a heterogeneidade definida pelos primeiros imigrantes.

Ainda segundo Lemos (1996), na segunda metade do século XIX, a arquitetura residencial brasileira recebeu diversas influências estilísticas, consequência da visão das famílias mais abastadas, principalmente as ligadas ao ciclo cafeeiro, desconsiderava a cultura brasileira por uma simples importação. Porém foi na fase eclética que ocorreu a inserção do vestíbulo na casa brasileira, o qual dividia as funções. Nessa mesma época deixaram de existir as alcovas, quartos de dormir sem aberturas, e se incorporou as circulações descobertas e pátios.

Foi nesse momento que a água potável foi encanada e a energia elétrica e o gás distribuídos. Ainda no final desse século, há o surgimento dos cortiços na decorrência da moradia popular atraída pela industrialização, ocasionada principalmente em São Paulo.

Com a Primeira Guerra Mundial, a arquitetura residencial ficou mais brasileira devido à dificuldade de importação dos produtos europeus. Entretanto, a arquitetura exposta na Semana de Arte Moderna de 1922, não expressava vigores brasileiros. Já com a criação da televisão, a casa brasileira sofreu alterações programáticas. Este eletrodoméstico transformou a sala de visitas em sala de estar.

Juntamente com a modernização e o aumento do custo do lote urbano, ocorreu a verticalização da habitação, pensada inicialmente como um mesmo terreno empilhado diversas vezes e não mais tão caracterizado pela casa nobre. Logo, no início de sua concepção era evidente a homogeneização funcional da edificação. E nessa nova tipologia habitacional que surgia se manteve evidente a segregação das circulações utilizada pelas empregadas e a dos patrões, uma característica tipicamente brasileira de consequência da política do agrado coletivo que é mantida até hoje. Com a Segunda Guerra Mundial, houve uma estagnação da habitação coletiva no Brasil, pois o país não possuía siderúrgicas.

Em 1948 Lemos (1996) afirma que com a explosão imobiliária a cidade verticalizou ainda mais e a carência de uma preocupação com a tipologia ficou ainda mais clara. Nesse momento tudo que se planejava tinha comprador certo; as vendas eram feitas antes do início das obras. Foi quando surgiu o apartamento mínimo composto de uma sala-quarto, banheiro e “kitchenete”, reprodução de um quarto de hotel, vendida até sua exaustão. Após a grande demanda do apartamento minúsculo, surgem em massa os apartamentos de dois quartos em áreas centrais, os quais já contemplavam as modificações funcionais provindas da televisão. Após essa etapa, as habitações coletivas voltaram suas caras para as camadas mais altas da população, pois havia uma grande inflação nesse momento. Assim, esses edifícios se excluíram de um meio urbano para áreas mais arborizadas, alheios à realidade das nossas cidades por questões de segurança.

3. A Metrópole

Contra o extermínio do mal, da morte, da ilusão, contra este Crime Perfeito, devemos lutar pela imperfeição criminosa do mundo. Contra este paraíso artificial de tecnicidade e virtualidade, contra a tentativa de construir um mundo totalmente positivo, racional e verdadeiro, precisamos resgatar os vestígios da opacidade e do mistério definitivos do mundo ilusório (BAUDRILLARD, 2001, p 81).

A terminologia da palavra “metrópole” já vale como início para a interpretação de sua magnitude. Segundo Holanda (2008), provém do grego “metrópolis”, centro da civilização, cidade que por sua importância possui uma influência nacional e até internacional. Porém uma definição talvez mais contemporânea possa ser dada por Koolhaas (1998):

In the geography of advanced forms of capitalism, metropolis equals world² (KOOLHAAS, 1998, p 926).

Já Levebvre (1999) define o urbano e conseqüentemente a metrópole como:

Lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão desaparece, onde reina o silêncio, onde se estabelecem os signos da separação. O urbano também poderia ser definido como lugar do desejo, onde o desejo emerge das necessidades, onde ele se concentra porque se reconhece, onde se reencontra talvez (possivelmente) Eros e Logos. A natureza (o desejo) e a cultura (as necessidades classificadas e as artificialidades induzidas) aí se reencontram no curso de uma autocrítica mútua que mantém diálogos apaixonados (LEFEBVRE, 1999, p 160).

² Na geografia das formas avançadas do capitalismo, metropolis é igual ao mundo. Tradução do autor.

Segundo Derrida (2006) a metrópole como tudo que nos cerca, é um vasto sistema de linguagem, formado por uma realidade metafísica a qual interpretamos com base em uma série de dimensões (conhecimentos adquirido) supostamente primordiais que possuem prioridades lógicas e metafísicas. Entretanto, não há nenhuma realidade ou significado transcendental e que, por isso, essas dimensões privilegiadas apenas fingem soberanias.

Assim o filósofo a metafísica dominante suprime e oculta uma diferença mais essencial e complexa. A diferença atua em um binário entre pares antagônicos, nesse sistema de linguagem, como por exemplo: presença / ausência, eu / eles, entre tantos outros. Essa diferença é primordial, porém não é um fundamento por si só; não tem necessariamente uma origem ou fim, é apenas uma diferença constante. Essa diferença possui dois sentidos inicialmente: o diferir (espaço) e deferir (tempo). Contudo, a metafísica apagou a diferença primordial a fim de suprimir a ausência.

Isto leva a interpretar a metrópole por um viés único, por mais multifocal que ela pareça. Assim deve-se interpretar esse sistema de linguagem, no qual se insere a metrópole, com interpretações abertas e em um processo. Para assim, libertar as interpretações metafísicas tradicionais e superar a crença em uma origem temporal ou original passível de ser recuperada. Nesse aspecto, Lefebvre (1999) ressalta que se deve interpretar a realidade urbana como inacabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora.

Logicamente, a metrópole acaba atingindo grandes proporções, nas suas mais distintas fisionomias. Isto acarreta em algumas particularidades que devem ser questionadas, pois a mobilidade e a diversidade na metrópole são enormes, não cabendo conceitos ou terminologias antigas.

Ao se analisar uma metrópole e seus elementos necessários para sua vivacidade. Deve-se levar em consideração os pontos citados por Jane Jacobs (2000), a qual afirma que para uma cidade e conseqüentemente uma metrópole possuir qualidade ela deve atender quatro aspectos indispensáveis.

O primeiro item seria que o distrito deve atender a mais de uma função principal, para assim garantir as mais diversas rotinas de seus moradores, utilizando a infra-estrutura urbana nos mais diversos horários. O segundo aspecto é o comprimento das quadras, pois essas devem ser curtas, aumentando a possibilidade de encontros nas esquinas. O terceiro aspecto é a diversidade de edifícios, tanto em idade quanto em conservação, formando uma mistura compacta. O último aspecto é a alta densidade que deve ser alcançada.

Já Koolhaas (1998) possui uma visão mais contemporânea e focada na velocidade de troca da metrópole e em suas mutações funcionais e espaciais. Como afirma Moneo (2008), a arquitetura de Rem Koolhaas e conseqüentemente do OMA (Office of Metropolitan Architecture) partem como referência obrigatória da cidade para toda e qualquer intervenção arquitetônica.

Nesse ponto, é importante localizar a metrópole como elemento que sofre mutações funcionais constantes. Koolhaas (2001) relata que cada vez mais as residências transformam-se em escritórios, os armazéns em lofts, as igrejas abandonadas em boates, até a maior transformação: a transformação do espaço utilitário em espaço público. Assim, as relações e os horizontes urbanos mudam constantemente, formando novos contextos a partir de novas intervenções. Isso ocorre segundo Sassen (2001)³ porque uma metrópole chega ao ponto em que ela se torna global devido ao sistema econômico mundial. E as cidades globais também são cidades mundiais e possuem novas relações mercadológicas, espaciais e de infra-estruturas.

³ Sassen (2001) encontra-se em: KOOLHAAS, Rem. Mutations. Barcelona: Actar, 2001.

Nesse contexto global, segundo Koolhaas (1998), as cidades de maneira geral atingiram um ponto no qual elas tornaram-se em genéricas pois com a mudança dos grandes setores da vida urbana para o ciberespaço, a cidade tornou-se um local de sensações tênues. Comparada com a cidade clássica, a cidade genérica está sedada.

Koolhaas (1998) afirma que na cidade genérica os veículos e as autopistas são uma versão superior aos bulevares e as praças, pois estas perdem cada vez mais espaço. Assim, a cidade genérica é fractal, pois repete interminavelmente o mesmo módulo estrutural simples, sendo hoje projetado de um computador, o que leva à repetição do conhecido.

Em uma cidade genérica, não é somente seu perímetro que cresceu, mas também suas cifras, afirma Koolhaas (1998). A cidade torna-se genérica ao passo em que busca simplificar ao máximo sua identidade, sendo onipresente até mesmo nas áreas rurais, por suas influências. A cidade genérica rigorosamente é multirracial e multicultural; razão da sua monotonia, pois é possível notar as mais distintas pessoas nos mais distintos locais. Uma cultura monocromática, na qual todas as cores transformam-se em uma única.

Koolhaas (1998) exalta que a maior originalidade da cidade genérica foi simplesmente abandonar o que não funciona, o que não sobreviveu ao seu uso. A cidade genérica é a pós-cidade, que está se preparando para tornar a ex-cidade, pois a rua está morta. Fenômeno passível de ser visto em algumas localidades do centro de Curitiba

Koolhaas (1998) ainda afirma que a cidade genérica está transformando sua horizontalidade em verticalidade, como se a altura fosse a tipologia definitiva, pois assim essa acomodará sua população que triplica ao passar dos anos. Contudo, os edifícios comerciais deverão diminuir, pois as pessoas trabalharão em casa.

Assim, torna-se evidente a importância de uma nova interpretação sobre o espaço habitacional, devido aos fenômenos globais e as novas relações sociais.

Segundo Koolhaas (1998), o estilo elegido pela cidade genérica é o pós-moderno, possuindo um átrio nas principais edificações, como elemento de respiro, envolto em uma repetição pré-estabelecida. O fato de a cidade genérica exportar seus principais elementos, a faz perpetuar sua amnésia. Assim, sua arqueologia será a documentação de sua evaporação.

4. A Habitação.

Os seres vivos se tornam repetidamente indivisíveis, idênticos uns aos outros – e imortais (BAUDRILLARD,2001,p 12).

Benjamin (2000) afirma que a arquitetura trabalha constantemente com a idéia da repetição, desde seu elemento virtual até sua base histórica arquitetônica. Assim, os trabalhos da reprodução e da memória arquitetônica já marcam um processo característico. Contudo, a repetição pode trabalhar na arquitetura de diversas maneiras, uma vez que pode servir como ponto inicial reiterativo do dado arquitetônico, como também pode sustentar uma dimensão crítica específica. Essa propagação arquitetônica implica naturalmente na relação forma/função.

Logicamente, se um novo edifício já é um exercício da repetição, qual seja ela, o que preocupa, de acordo com Benjamin (2000), é sua natureza. Inicialmente existem dois tipos distintos de repetição: o primeiro no qual ela é decorrência do mimetismo; e o segundo é a repetição que de certa maneira toma o local dado pela primeira. Devido a suas novas qualidades, é o ato que torna o novo; novo uma vez mais.

A recorrência de um padrão espacial habitacional deve ser objeto de constante questionamento, pois a maneira com que o homem habita está fortemente atrelada à cultura e às relações sociais de uma geração. Nesse aspecto relacionado à repetição dos padrões existentes referentes à habitação Kazuo Sejima (1996)⁴ relata que:

⁴ Retirado de: El croquis. 77(l), Kazuyo Sejima 1988-1996. Madrid: El Croquis editorial, 1996. Tradução do autor.

Pegue o caso de um exemplo concreto: a habitação, uma estrutura onde a distribuição do espaço e sua função foram fortemente estenotipadas de acordo com as idéias convencionais que se tem de uma família. Este tipo de estereótipo já não possui a mesma importância de antes. Os conceitos invariantes não possuem valor em uma sociedade que muda de uma maneira tão rápida, em uma sociedade que o conceito de família esta se tornando cada vez mais vaga. Em certa maneira o que aspiro é descartar antigos estereótipos que definiam como era uma habitação para iniciar novamente[...] (SEJIMA, 1996, p 8)

4.1. A organização da Habitação – a idéia da planta.

Segundo Schneider (1998), a planta expressa-se na organização interna da unidade de habitação, cujas possibilidades e limitações derivam do grau de abertura ou confinamento dos espaços, de seus vínculos e agrupamentos, da conexão ou isolamento das funções, das rotas de circulação e das vistas. Certas plantas subordinam tudo à experiência do espaço, enquanto outras enfatizam a vinculação entre os espaços, e exalta-se o trânsito de uma habitação a outra.

A planta é o local da interação social e cotidiana de seus habitantes. Pode possuir as mais diversas variações, para assim atender as múltiplas necessidades humanas. O resultado de suas combinações leva às mais diversas instâncias sensoriais, e interfere drasticamente nas rotinas através de elementos projetuais extremamente simples, como iluminação.

Há, segundo Schneider (1998), oito tipologias principais de planta, sendo elas: planta tipo corredor; planta tipo caixa inserida; planta tipo sala de estar central; a planta ramificada; a planta orgânica; a planta fluída; a planta circuito e a planta flexível.

A planta tipo corredor é organizada segundo um eixo, no qual os ambientes são dispostos sucessivamente. Os ambientes podem estar dispostos nas duas adjacências do eixo, contudo deve-se levar em consideração a iluminação que será utilizada no eixo. Os acessos a este tipo de apartamento podem ocorrer perpendicularmente ou linearmente ao eixo.

As extremidades do eixo ou eixos devem ser tratadas com certa importância, pois são os pontos focais do percurso (Fig. 4.1.1.).

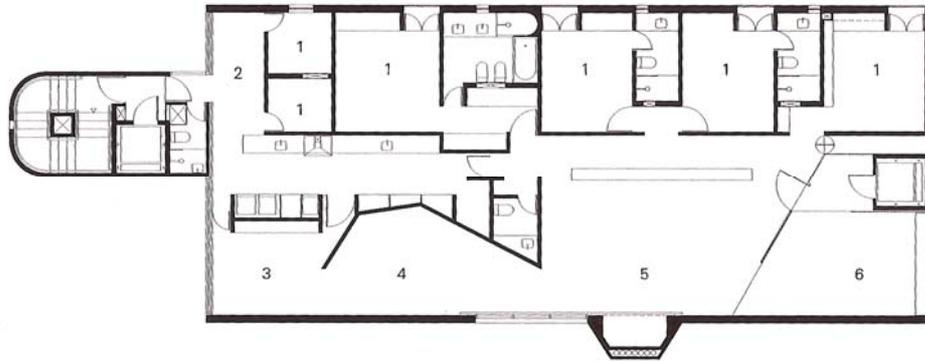


Figura 4.1.1. Paulo Mendes da Rocha, Edifício Aspen, São Paulo 1986.
(Fonte: ARTIGAS, 2000).

Já a caixa inserida é um grande espaço aberto com um cubo inserido em seu interior. Esta tipologia faz a habitação parecer maior para seu usuário devido à pequena percepção da caixa inserida em contraponto com o grande espaço que ela está inserida. Há nessa tipologia o objetivo de tornar a caixa (cozinha, banheiro ou armários) um volume geométrico. Assim, marca-se um de seus vértices.

Através dessa “caixa inserida” pode-se organizar as circulações, pois ela age como organizador do espaço. Num caso espacial, a “caixa” contém também um dormitório como no “Nemausus” (1985-1987) de Jean Nouvel em Nimes (Figs. 4.1.2 e 4.1.3).

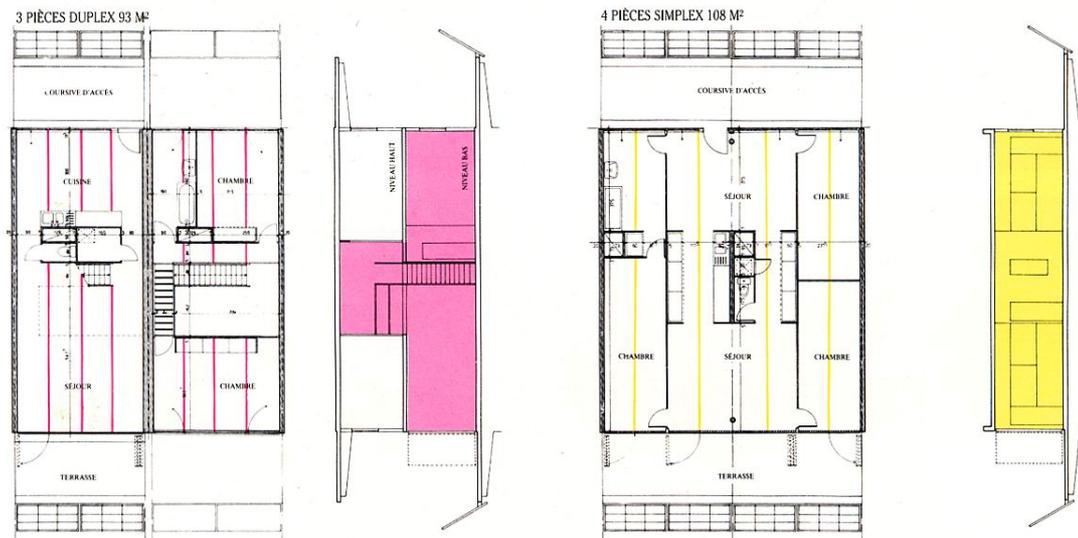


Figura 4.1.2. Plantas e cortes Conjunto Nemausus – Jean Nouvel
(Fonte: THE HONG KONG POLYTECHNIC UNIVERSITY, 2009)



Figura 4.1.3. Vista habitação Conjunto Nemausus – Jean Nouvel
(Fonte: URBALIS, 2009)

A planta tipo sala de estar central desenvolve-se ao redor da sala de estar, podendo essa ser o elemento central da planta, com circulações convergindo para ela. Com essa distribuição, é possível aumentar a sala devido à economia em espaços distributivos (Fig. 4.1.4).

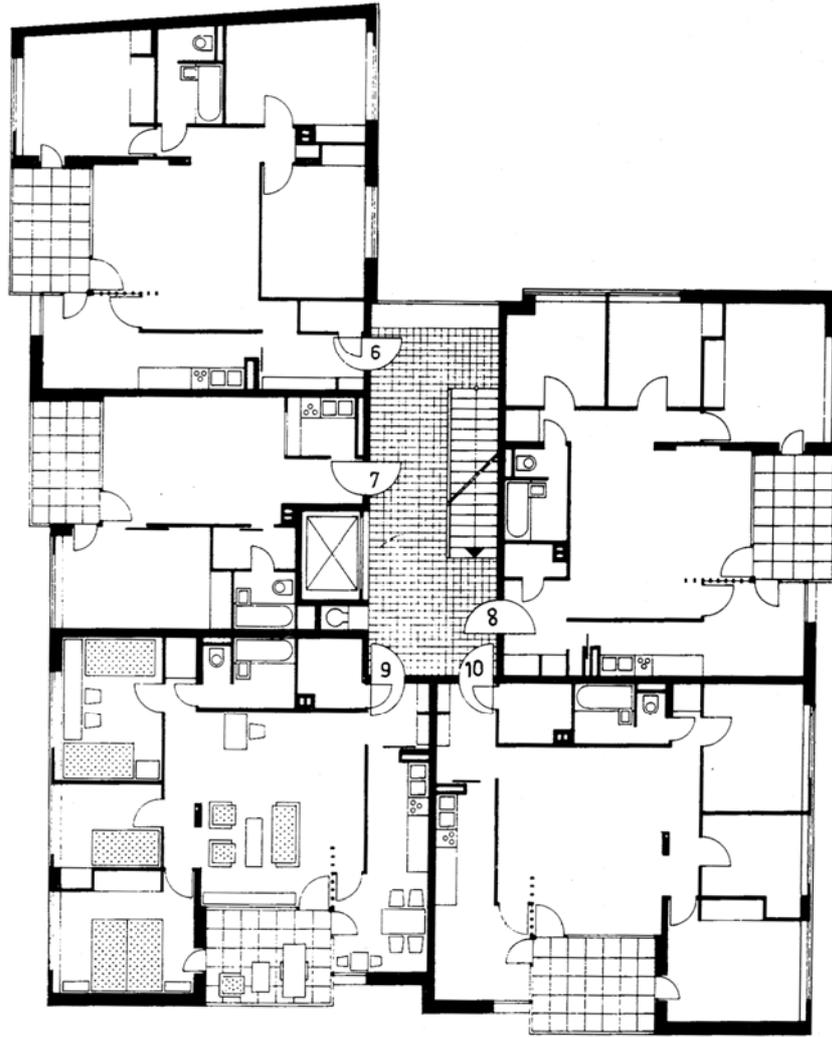


Figura 4.1.4. Alvar Alto, Klopstockstrase, Berlim – 1956-1957.
(Fonte: SCHNEIDER, 1998).

A planta ramificada é a planta que separa claramente as áreas funcionais. Ela é dividida basicamente em duas zonas: como zona do dia, na qual se encontra a cozinha, sala de estar e sala de jantar; e a zona noturna, com dormitórios e banheiros. Podem-se adicionar zonas conforme o tamanho do programa que se queira atender. Cada zona possui uma autonomia perante as demais, permitindo certo nível de privacidade. A separação entre as zonas pode ocorrer por núcleos hidráulicos ou pátios. Também há a possibilidade de separar as zonas do dia e da noite por meio de uma troca na direção do corredor. Porém, para prover intimidade, inclusive no caso da conexão direta entre a zona do dia e da noite, proporciona-se um segundo corredor de conexão com os dormitórios.

Dado que, neste caso, o corredor dos dormitórios só absorve uma parte das circulações da casa, pode-se convertê-lo convenientemente em outra zona. Nos apartamentos duplex, ocorre uma separação mais drástica entre as zonas. Porém é possível estabelecer uma relação entre os níveis através de balcões ou galerias abertas. A maior intimidade pode ser obtida em uma planta cruciforme (Figs. 4.1.5 e 4.1.6).

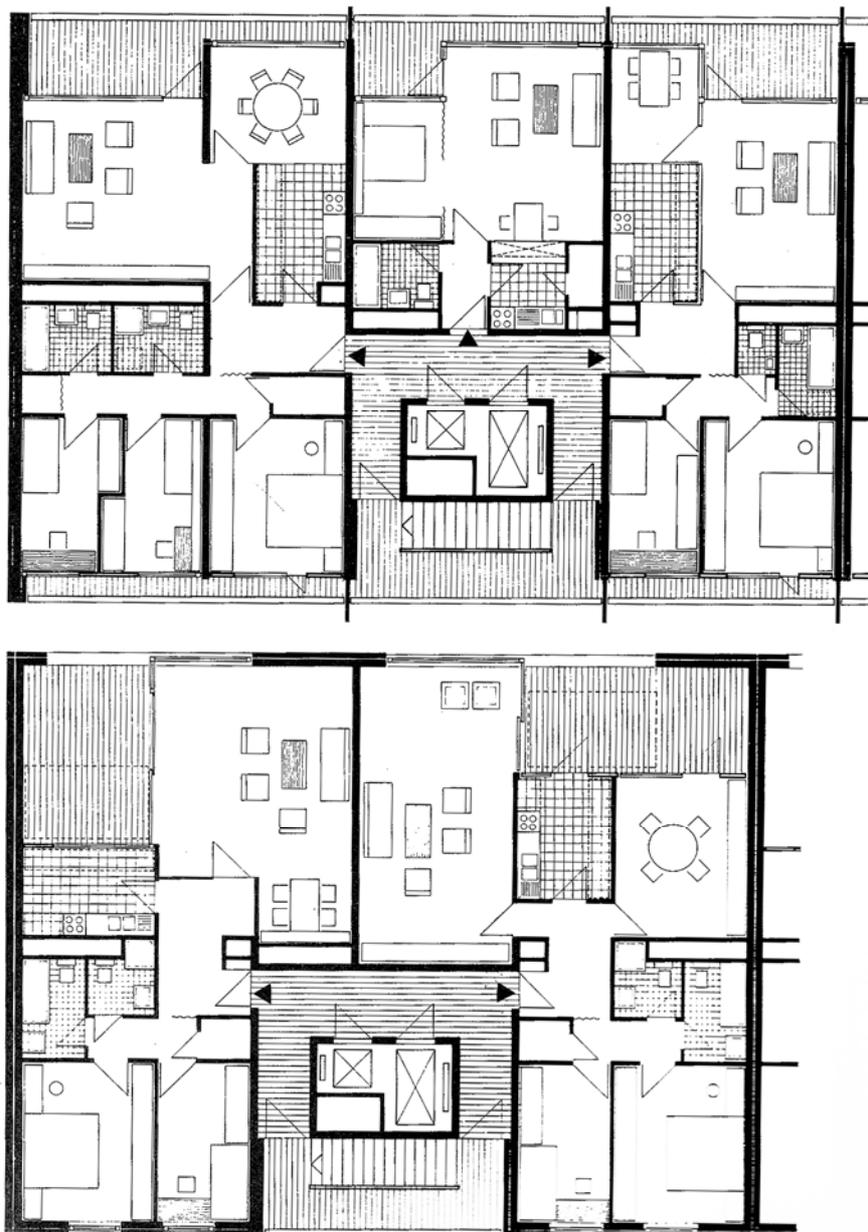


Figura 4.1.5. Otto Jager e Werner Muller, "Hannibal", Stuttgart-AAsenwald, Alemanha, 1969-1971.
(Fonte: SCHNEIDER,1998).



Figura 4.1.6. Otto Jäger e Werner Müller, “Hannibal”, Stuttgart-AAsenwald, Alemanha, 1969-1971.

(Fonte: SCHNEIDER,1998).

A planta orgânica está relacionada com o percurso dos usuários traçado em seu interior. Nessa tipologia, as circulações diminuem para que os espaços possam convergir um ao outro. As angulações podem ser as mais diversas, dando um aspecto extremante orgânico à composição. Fica caracterizada a sucessão de diferentes espaços pela inter-relação funcional: os espaços criados adotam formas não convencionais e podem apresentar problemas de mobília (Fig. 4.1.7).



Figura 4.1.7. Hans Scharoun, "Romeu e Julieta", Stuttgart-Zuffenhausen, Alemanha, 1954-1959. Elementos arquitetônicos organizados na busca da melhor insolação. (Fonte: Schneider,1998).

A planta fluída segue a planta orgânica com algumas modificações: não é caracterizada por nenhuma posição particular das paredes e raras vezes suas zonas estão separadas da zona de circulação. Os espaços fluem um no outro, apresentando muitas variações visuais, transcendendo assim seu verdadeiro tamanho e estabelecendo novas relações espaciais. A fluidez espacial é reforçada pelo bom uso da luz. Nessa tipologia de plantas, os meios níveis trabalham mais com as relações visuais do que com a proximidade imediata, de maneira que se conserva certo nível de independência (Fig. 4.1.8).



Figura 4.1.8. Peter Phippen, Peter Ranall, David Parkers, Hatfield, Londres, Inglaterra, 1964. A edificação obteve economia durante a construção devido sua parede estrutural. (Fonte: SCHNEIDER, 1998).

Na planta circuito, procura-se o maior número possível de relações funcionais e espaciais entre os diversos cômodos. O decorrer do percurso mostra a sucessão de funções. Em algumas plantas circuito, o núcleo de banheiros e cozinha ocupa o centro da habitação; em outras ocasiões, é a própria caixa de escadas que dispõe uma posição central. O circuito também pode ocorrer em torno de um pátio como ocorria na casa renascentista (Fig. 4.1.9).

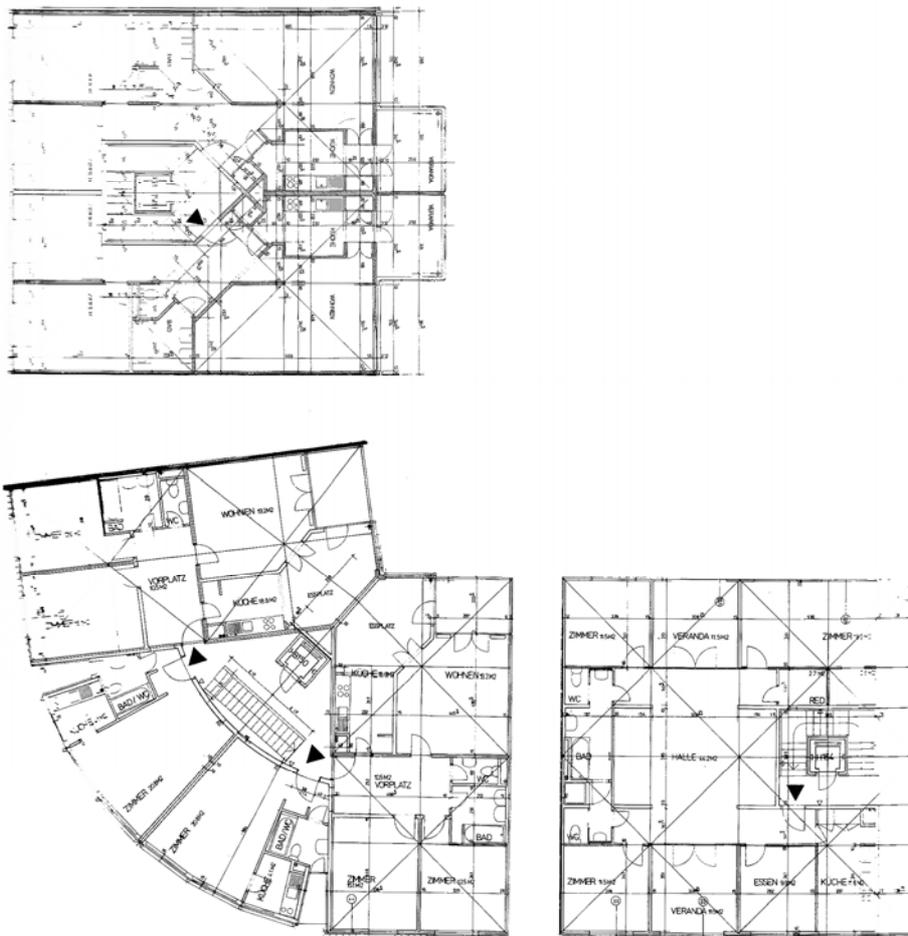


Figura 4.1.9. Diener e Diener, Blaisiring, Basilea, Suíça, 1978-1981.
(Fonte: SCNEIDER, 1998).

A planta flexível encontra-se o *loft*. No qual Abalos (2003) afirma que o *loft* é basicamente uma casa-oficina, com uma grande superfície e um grande espaço interno, quase sempre alugado por preços muito baixos, instalado em um galpão industrial, situado em um lugar central economicamente decadente, o que evidencia a idéia de apropriação do espaço (Fig. 4.1.10).

Este espaço ainda segundo Abalos (2003), nega a modernidade, que demanda um habitante capaz de abandonar as idealizações positivistas do habitar para transformar-se justamente ao espaço.

Em contraposição à ordem pontada da vida cotidiana regulada pelo funcionalismo a desordem será a característica visual; uma desordem precisa que se estende desde o espaço e seus usos sempre imprevisíveis e improvisados até o tempo, dando forma a modos de vida alheios ao ritmo do homem tipo. O loft possui assim uma importância cúbica e não mais a do metro quadrado e sim a do espaço com seu potencial máximo (Figs. 4.1.11 e 4.1.12).

Assim planta flexível deve receber uma maior atenção quando se pensa em uma habitação coletiva, de massa ou ainda quando ela deve atingir um grande leque da população, pois com as diferentes situações familiares (tamanho e composição) e sua constante mudança, algumas tipologias habitacionais entram em contradição. Uma das soluções para essa enorme quantidade distinta de futuros moradores seria a conservação de uma obra aberta conforme afirma Eisenman (1985); ou ainda a possibilidade da transformação de suas funções. Ou prever habitações que possam juntar-se indistintamente a habitações diferentes e mudar a forma e o tamanho das habitações por meio de paredes móveis. Para que isso ocorra alguns elementos arquitetônicos previstos por Louis Kahn, devem acontecer, como a distinção entre os espaços que servem e os espaços que são servidos; para assim facilitar novas possibilidades.

Outra maneira de modificar uma habitação é a previsão de espaços neutros, os quais poderão ser adicionados das mais diversas formas e funções no decorrer de sua história, para assim possibilitar uma obra aberta.

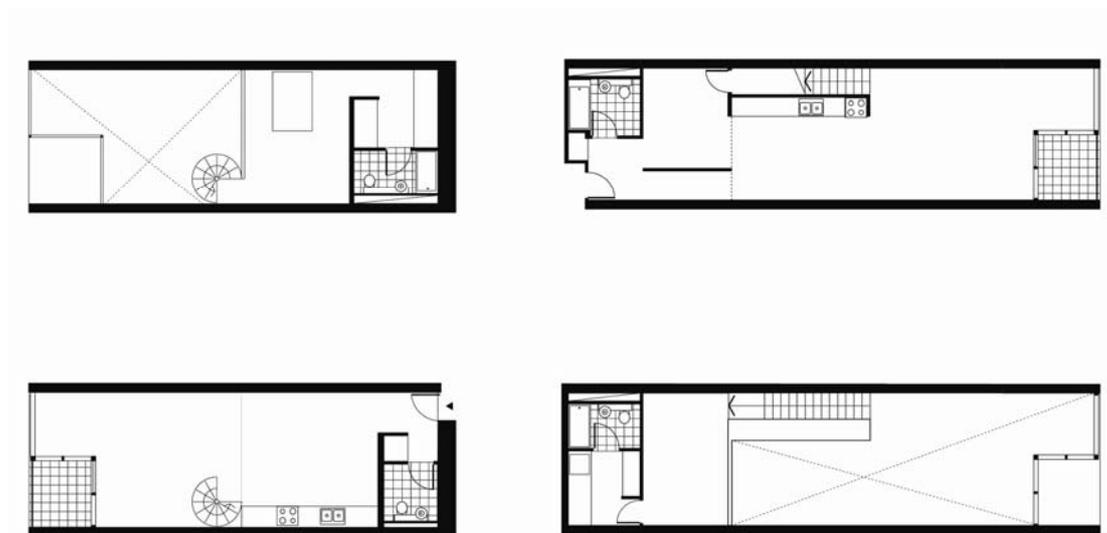


Figura 4.1.10. Terba Buena Lofts, Planta tipo, Stanley Saitowitz/Natoma Architects, 2002. O projeto segue o padrão típico de projetos para reciclagem de galpões ou lofts – grelha estrutural estreita. (Fonte: FRENCH, 2009).

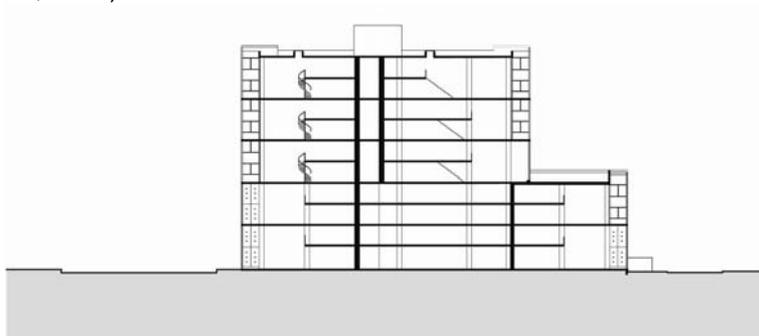


Figura 4.1.11. Corte longitudinal, Terba Buena Lofts, Stanley Saitowitz/Natoma Architects, 2002. (Fonte: FRENCH, 2009).



Figura 4.1.12. Elevação frontal, Terba Buena Lofts, Stanley Saitowitz/Natoma Architects, 2002. (Fonte: FRENCH, 2009).

4.2. Planta tipo

A discussão da planta tipo surge naturalmente ao se pensar em uma habitação coletiva e em sua repetição ao longo dos anos. Nesse questionamento, Koolhaas (1998) afirma que a planta tipo, uma invenção americana, entre seus inventores está Raymond Hood, é uma não arquitetura, pois está despida de qualquer traço de especificidade, é a máxima exploração do utilitarismo. Logicamente para uma planta ser tipo ela deve ser repetida inúmeras vezes; deve ser indefinida o suficiente para ser aplicada a maior quantidade de vezes possível. Contudo busca sugerir que seu número total não tenha grande relevância: planta tipo X n vezes = edificação.

Koolhaas (1998) ainda afirma que a planta tipo em seu cerne está vazia de oportunidades. Todas as outras arquiteturas são responsáveis pela inclusão e pela acomodação, enquanto a planta tipo é responsável pela exclusão; pela falta de eventos.

Os centros metropolitanos são em grande maioria acumulações de plantas tipo; acumulações de decisões não tomadas. Assim, os centros não são mais únicos e sim universais; não são mais um local e sim uma condição que tornou o homem contemporâneo um homem sem qualidades. Tais raciocínios nos levam à linha filosófica desenvolvida por Jean Baudrillard, na qual exalta a homogeneização do homem contemporâneo (Fig. 4.2.1).



Figura 4.2.1. Planta tipo de uma habitação padrão.
(Fonte: LAALMAZARARESIDENCIAL,2009).

4.3. Corte Livre

Na busca por novas possibilidades, o corte livre surge, de acordo com Moneo (2008), através da leitura da cidade e do arranha-céu americano, feita por Rem Koolhaas, segundo o qual o edifício pode ser definido com maior independência. Contudo, o corte não define sua forma final. Se Le Corbusier levou a pensar na “planta livre”, Koolhaas incorporou a cultura arquitetônica do final do século XX o conceito do “corte livre”. Este conceito ajuda a refletir verticalmente, assim como parece exigir a densidade de metrópole.

Os edifícios não se estruturam sobrepondo níveis horizontais: eles podem ser pensados a partir do corte. Entenda-se que este não define qual deva ser a sua forma. Os edifícios adquirem sua forma atendendo a escala, respondendo ao papel que têm na cidade (MONEO, 2008,p 292).

O corte livre propicia uma maior vivacidade e espacialidade da edificação, pois necessariamente essa ferramenta projetual gerará diferentes alturas e sensações, saindo de tipologias predefinidas, além de uma maior utilização da metragem cúbica. Com o corte livre a congestão de usos ocorre naturalmente, transformando uma simples edificação em um elemento pulsante que se relaciona diretamente com a velocidade metropolitana. A congestão de usos já havia sido utilizada na Unidade de Habitação de Marselha, projeto de Le Corbusier. Contudo hoje não se deve encarar a multifuncionalidade como elemento social, mas sim como uma necessidade imposta pelo capital, pois há a necessidade de se utilizar ao máximo as infra-estruturas vigentes em um tecido urbano. Além de possibilitar uma maior rotatividade de usos e aumentar os “olhos da rua”, como afirma Jane Jacobs (2000).

O sucesso do corte livre está relacionado à multifuncionalidade da edificação, pois quanto mais distintas e complementares forem suas funções, maior será o choque cultural dos seus usuários. A multifuncionalidade colabora diretamente na vivacidade da cidade e na economia energética, pois quanto mais concentradas forem suas

funções, menor será o deslocamento humano. A multifuncionalidade traz qualidades distintas e não usuais à cidade, tirando-a de uma passividade pré-estabelecida pelo modernismo e possibilitando espaços abertos para que novas relações humanas aconteçam (Figs. 4.3.1 a 4.3.3).



Figura 4.3.1. Corte BRYGHUSPROJEKTET OMA, DENMARK, COPENHAGEN, 2008. Cada cor representa uma distinta função e complementar a sua adjacente. (Fonte: OMA, 2009).



Figura 4.3.2. Corte BRYGHUSPROJEKTET OMA, DENMARK, COPENHAGEN, 2008. Cada cor representa uma distinta função e complementar a sua adjacente. (Fonte: OMA, 2009).



Figura 4.3.3. Vista Interna BRYGHUSPROJEKTET OMA, DENMARK, COPENHAGEN, 2008. (Fonte: OMA, 2009).

4.4. Circulação Vertical

Schneider (1998) afirma que existem três formas de circulação vertical para edifícios de apartamentos. A primeira forma, que estará presente em todos os casos, é a tradicional escada. Em geral, cada escada de acesso serve de duas a quatro unidades por planta, com uma entrada semiprivativa a cada apartamento.

A segunda possibilidade é a do elevador. Podem-se construir edifícios elevados com a inclusão de elevadores, mas o custo de repeti-los é uma limitação evidente. A terceira possibilidade para edifícios de apartamentos é a rampa. É um elemento alternativo pouco usado para o programa.

No caso do acesso vertical centralizado, o resultado é uma torre que pode descrever-se como um grupo de unidades acopladas ao longo de uma rua vertical. Existem incontáveis variações do esquema de planta de uma torre, mas em geral, consiste em várias unidades por planta. dado que normalmente se exige luz por todos os lados, resultamos um edifício isolado.

Em uma edificação de maior densidade, a circulação vertical adquire grande importância devido à sua capacidade condensadora dos fluxos. E é ela que dita o ritmo do percurso na edificação, ainda possuindo grande influência no quadro de áreas.

4.5. Circulação Horizontal

Segundo Schneider (1998), há basicamente dois tipos de edifícios com corredor: com um acesso e com dois acessos, além das muitas variáveis de cada um. O sistema de corredor com acesso único geralmente oferece a face menos privilegiada do edifício para o corredor. Esse sistema geralmente resulta em unidades com fachada única.

Já o sistema de corredor de duplo acesso é mais numeroso que os de acesso único e é possível uma maior variedade de tipos.

Com capacidade para abrigar unidades de fachada única ou de fachada dupla, este tipo de construção tem muito mais flexibilidade que o acesso único. Com a Unité d'Habitation, de Le Corbusier em Marselha (1946-1952), difundiu-se a seção de paradas alternadas de duplo acesso, que só a partir daí aparece com frequência em muitos países.

Ainda conforme Schneider (1998), o sistema de acesso duplo, com corredor em todas as plantas é especialmente sofisticado. Este tipo de edifício foi muito divulgado através da obra de Mies van der Rohe.

4.6. Escala

A escala do projeto que será feito deve ser questionada e interpretada. Assim utiliza-se Koolhaas (1998) como ponto inicial para esse questionamento. A grandiosidade *bigness* - entendida não como monumentalidade, mas sim como relações de escala e programas – instigam a complexidade, a qual mobiliza a inteligência plena da arquitetura e seus campos relacionados. A grande escala pode ser obtida através do *Big Bang* da arquitetura e suas tecnologias ao passar dos anos (*Fig. 4.6.1*).

Koolhaas (1998) em sua teoria sobre a grandiosidade afirma que a partir de uma massa arquitetônica, suas partes tornam-se autônomas, porém ainda possuem forte relação com o todo, como uma edificação e a metrópole. Outro elemento de grande valor em projetos de grande escala é o elevador, o qual ultrapassa as conexões arquitetônicas e assume um papel fundamental nas relações de seus usos.

No *Bigness* a distância entre o invólucro e o conteúdo da edificação aumenta em tal proporção, que o interior e o exterior tornam-se projetos separados, no qual um trata com as instabilidades das necessidades programáticas e o outro com a aparência perante a cidade.

Com a grande escala o edifício ultrapassa as questões da moralidade, tornando-se acima do bem e do mal. O *Bigness* não mais faz parte de um tecido urbano, pois ele coexiste, subscrevendo o contexto urbano (Koolhaas, 1998).

A análise da totalidade não deve ser quebrada em um subsistema referente a pequenas partes, pois caso isso ocorra surgirá uma antiga doutrina, na qual a forma segue função, suprimindo a variabilidade. Segundo Koolhaas (1998), uma grande atração da grandiosidade é a possibilidade que ela gera da coexistência do todo, do real, e da reinvenção do coletivo, na busca máxima de possibilidades. Somente através do *Bigness* a arquitetura pode dissociar-se da ideológico/artístico movimento modernista, e assim ser um veículo da modernização.

A grandiosidade não força a coexistência, mas sim a diferença, a qual pode ser entendida como os pares binários de Derrida (2006), em que a riqueza está na adição dos mais diversos pares e não no mesmo. Para assim tornar viável novas possibilidades metropolitanas. Koolhaas (1998) afirma que somente o *Bigness* pode suportar e desenvolver a independência e a dependência das novas relações entre novas entidades funcionais que transbordarão sua própria entidade.



Figura 4.6.1. CCTV – OMA , 2002.
(Fonte: ARCHITECTUREWEEK, 2009).

4.7. Forma/função

Outro aspecto importante que deve ser levado em consideração, através do momento vivido é a desvinculação da relação forma segue função *form follows function*, pois segundo Benjamin (2000) a repetição revelou a função. Ou mais, a repetição liga a função no tempo, porém a função é sempre explicada através da repetição. Contudo, ela deve ser idealizada inicialmente para a repetição e não como um fundamento em si.

Parte da presença adquirida pela arquitetura envolve uma preocupação com o tempo, e o tempo na arquitetura trabalha com as complexidades da repetição. E conseqüentemente devem estar relacionados com a presença da função, a qual está implícita no processo projetual.

Assim, Benjamin (2000) acredita que é impossível a distinção da função na arquitetura, o que significa que o lócus do crítico assim como o domínio da experiência estão intimamente ligados com a criação de outras possibilidades para e com a forma. Contudo, isso não é uma reiteração que clama que a forma segue a função. Ao contrário, não existe necessidade o porquê de algo particular já tenha uma forma pré-determinada.

Segundo Eisenmann (1988), o espaço não deve ser pensado somente com idéias de significados, e sim como puro espaço, pois caso mude a função o que ficará será o puro espaço (Figs. 4.7.1 e 4.7.2). E esta espacialidade envolve diretamente a presença do tempo, como materializador.

The need to overcome presence, the need to supplement an architecture that will always be had look like architecture, the need to break apart the strong bond between form and function, is what my architecture addresses. In its displacement of the traditional role of function it does not deny that architecture must function, but rather suggest that architecture may also function without necessarily symbolizing function, that the presentness of architecture is irreducible to the presence of its function or its signs (EISENMAN, 1990, p 16).⁵

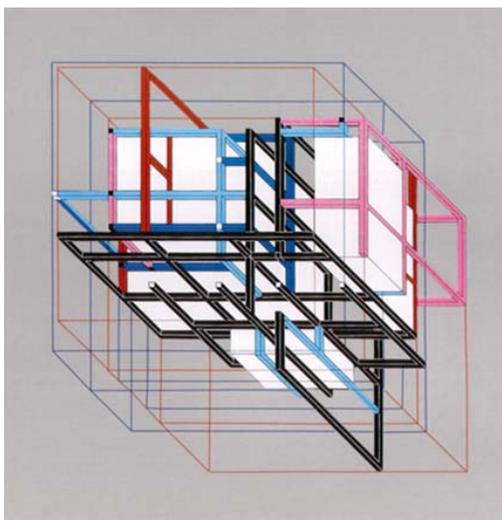


Figura 4.7.1 House XI – Peter Eisenman
(Fonte: Serial Consign, 2009).

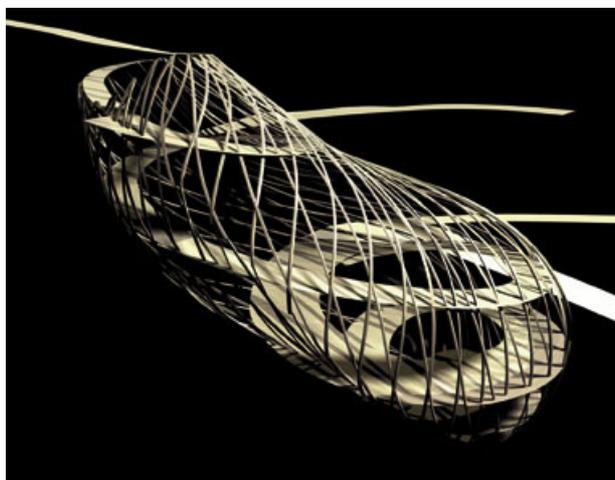


Figura 4.7.2 Kansai National Diet Galery – Reiser + Umemoto
(Fonte: Serial Consign, 2009).

⁵ A necessidade de superar a presença, a necessidade de completar uma arquitetura que será sempre parecido com arquitetura, além da necessidade de romper o forte vínculo entre forma e função é o que a minha arquitetura pretende. No seu deslocamento do papel tradicional da função que não nega que a arquitetura deve funcionar, mas sugerem que a arquitetura pode também funcionar sem necessariamente simbolizar a função, que a presença da arquitetura é irreduzível à presença de sua função ou de seus sinais. Tradução do autor.

5. Estudo de Casos

Os casos escolhidos são procedentes de sua relação intelectual com o tema habitacional, tratando-o de forma pertinente e direta, na busca de novas respostas e conformações.

5.1.El Mirador (2001-2005) MVRDV.

El Mirador projeto do escritório Holandês MVRDV, composto inicialmente por Winy Maas, Jacob van Rijs e Nathalie de Vries. O edifício foi concebido para o recente bairro de San Chinarro, localizado na porção nordeste de Madrid, Espanha, entre 2001 e 2005. A edificação está cercada por auto-estradas com uma grande visual para as Montanhas de Guadarrama. O edifício de vinte e dois pavimentos atua como marco pra o bairro e contra a uniformidade existente, emoldurando a paisagem. Em contraste com uma série de repetições racionalistas, o Mirador contém uma diversidade de tipologias habitacionais unidas em um único bloco. Esses blocos interligados formam um novo bloco distinto de habitações.

Os 165 apartamentos são de diversas tipologias, para atender o maior número de estilos de vida possível, e ainda possuem áreas de interação pública entre as habitações. Os apartamentos oferecem grande qualidade espacial, pois oferecem boas e distintas aberturas além de diferentes pé-direitos.

A edificação preserva o espaço vazio exigido pela cidade moderna. O grande vazio na edificação proporciona uma área de contemplação de Guadarrama, e ainda uma área de convívio e reunião da vizinhança vertical. Inicialmente essa praça elevada havia sido pensada como um espaço público, porém não foi assim executada (Figs. 5.1.1 a 5.1.16). O edifício é em estrutura metálica, diferenciando conforme o bloco que foi utilizado, além de possuir diferentes vedações conforme suas tipologias.

It becomes the reference point of the neighbourhood. The allowance for the realisation of this building can be seen as a sincere and honest manifestation of Spanish self criticism, an admirable character trait. Perhaps it is an elementary one, especially for a culture that wants to be open, vivid, and cosmopolitan (MVRDV,2009).⁶

Projeto realizado através de um novo entendimento do local com uma distinta proposição de fluxos internos. O edifício transmite um aspecto contemporâneo.

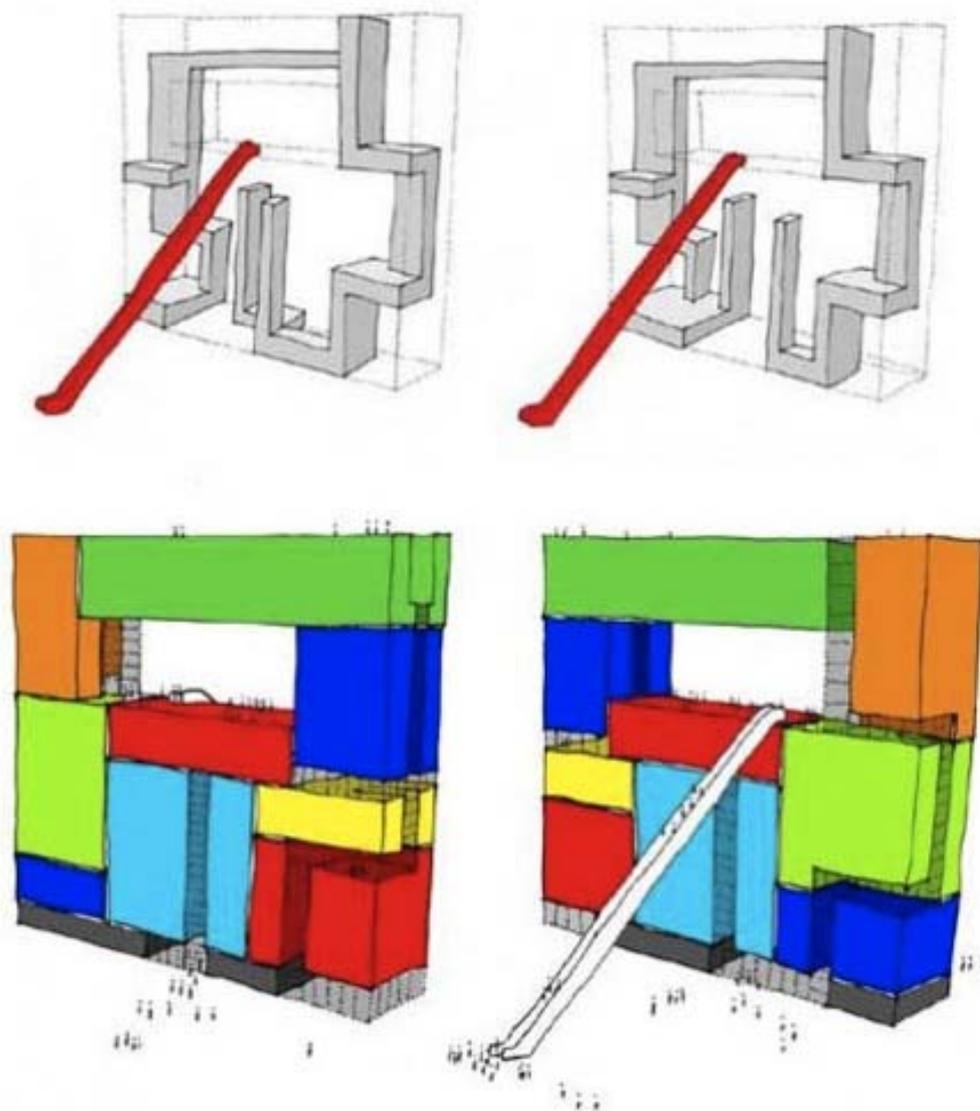


Figura 5.1.1. Esquema de funções e fluxos, concepção inicial.
(Fonte: TODA ARQUITETURA,2009).

⁶ Ele se torna o ponto de referência do bairro. O subsídio para a realização deste edifício pode ser visto como uma sincera e honesta manifestação da auto-crítica do zoneamento espanhol. Talvez seja elementar para uma cultura que busca ser viva e aberta. Tradução do autor.

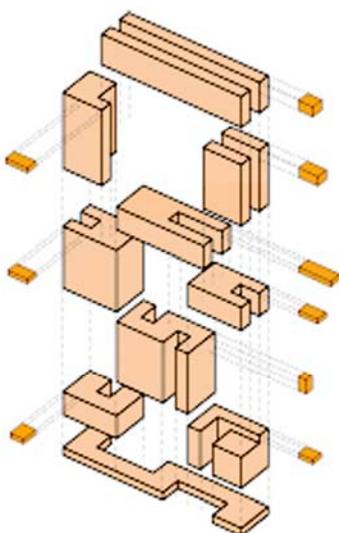
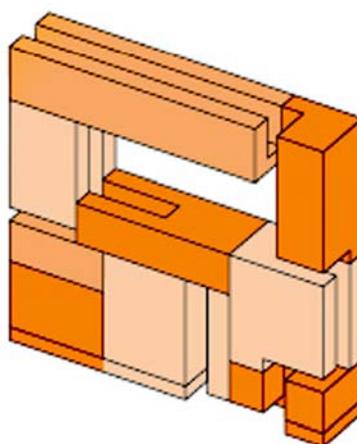
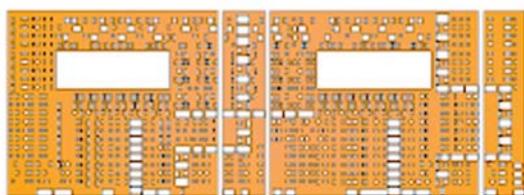
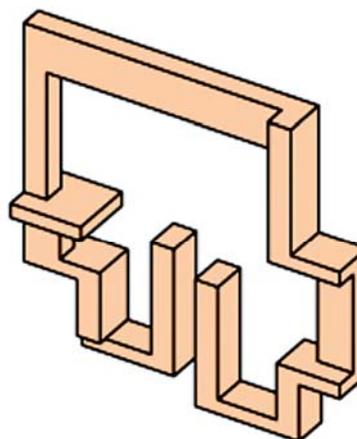
Part-Whole Relationships**Thresholds + Porosity****Light + Transparency****Access + Circulation**

Figura 5.1.2. Esquema das parte, porosidades, transparência e acessos + circulação (Fonte: HOUSING, 2009).

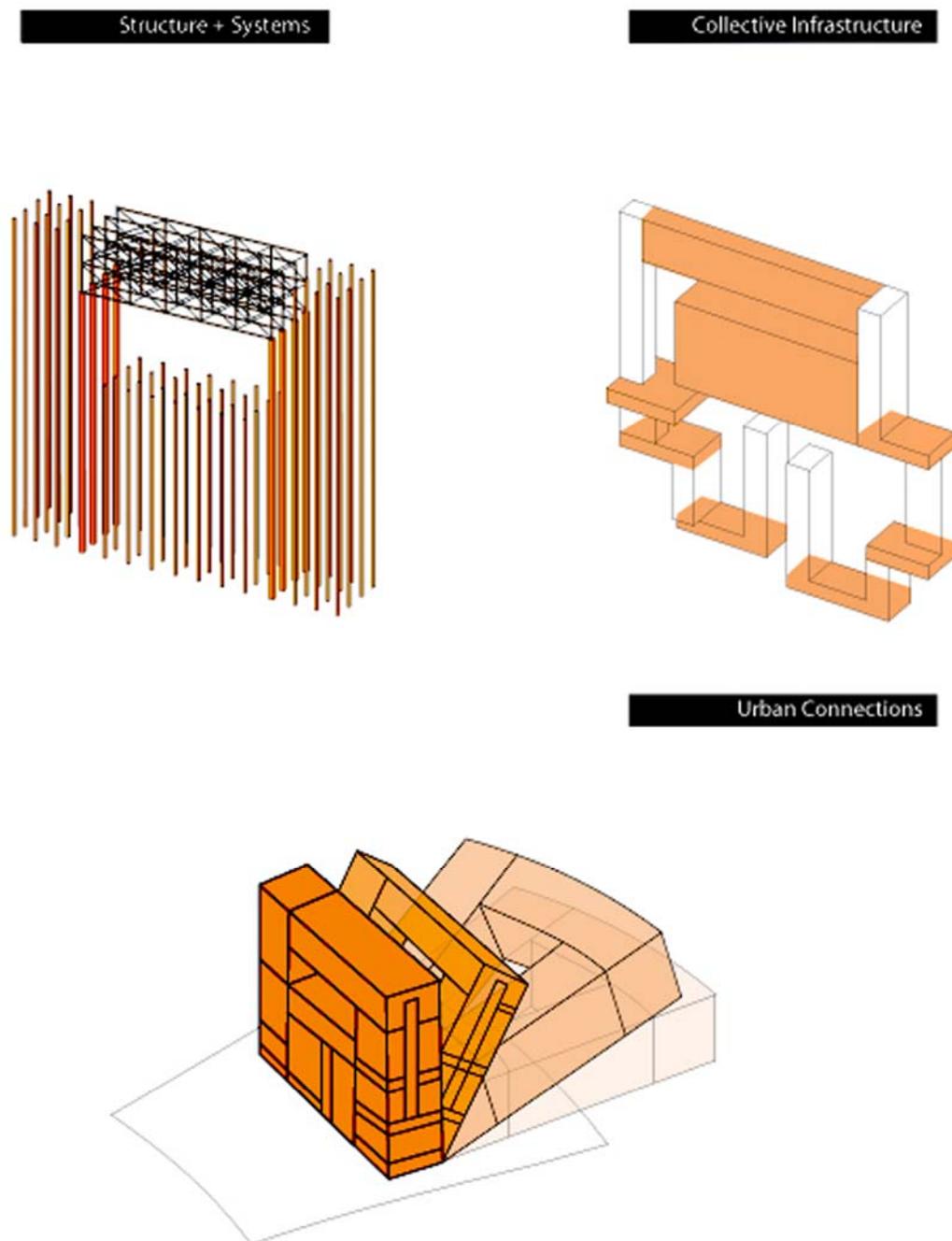


Figura 5.1.3. Esquema estrutural, infra-estrutura coletiva e ligação urbana.
(Fonte: HOUSING, 2009).

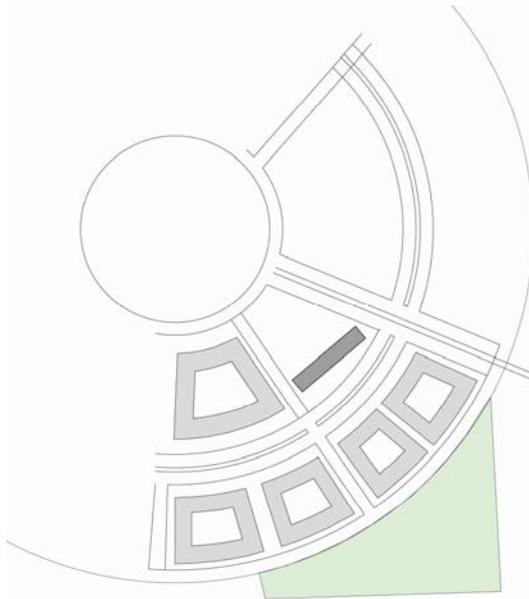


Figura 5.1.4. Implantação.
(Fonte: FRENCH,2009).



Figura 5.1.5. Plantas do pavimento tipo (pavimentos 2º - 11º) dos blocos da extremidade e plantas apartamento duplex.
(Fonte: FRENCH,2009).

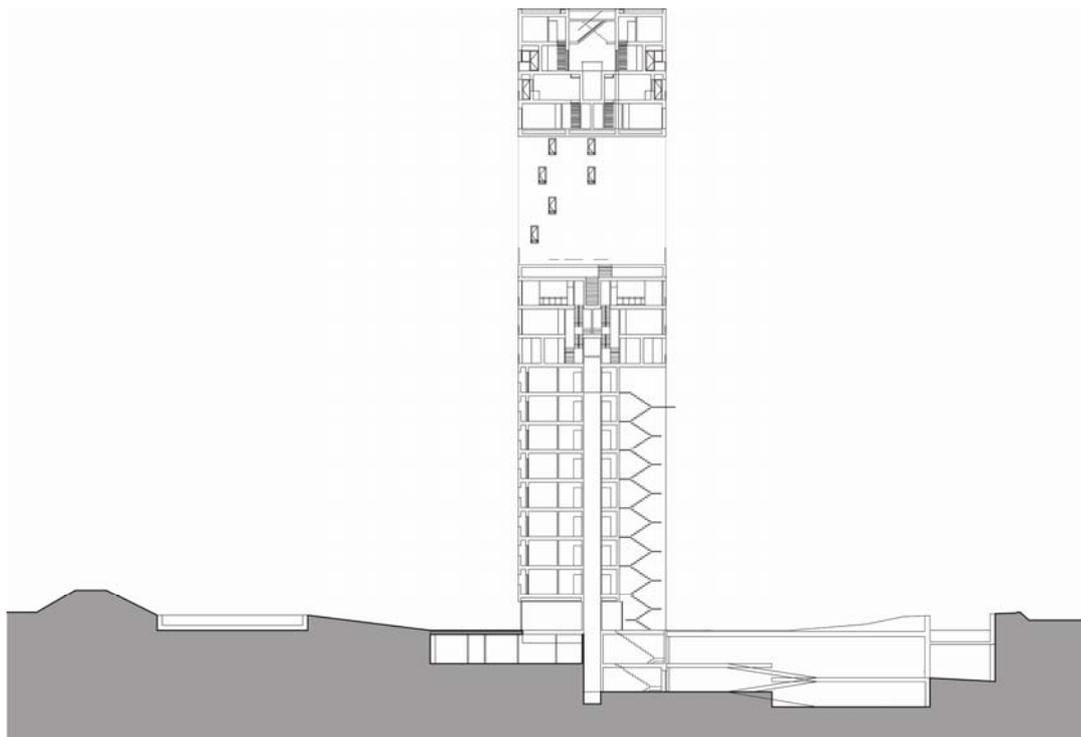


Figura 5.1.6. Corte Transversal.
(Fonte: FRENCH,2009).

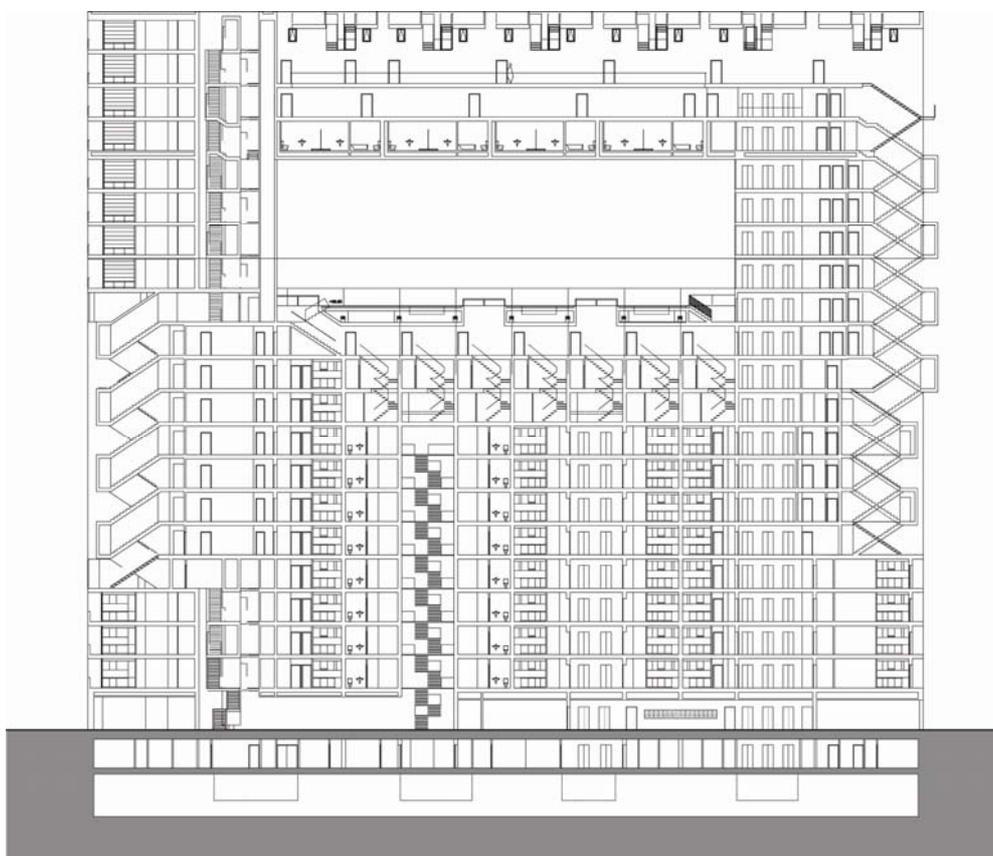


Figura 5.1.7. Corte longitudinal.
(Fonte: FRENCH,2009).

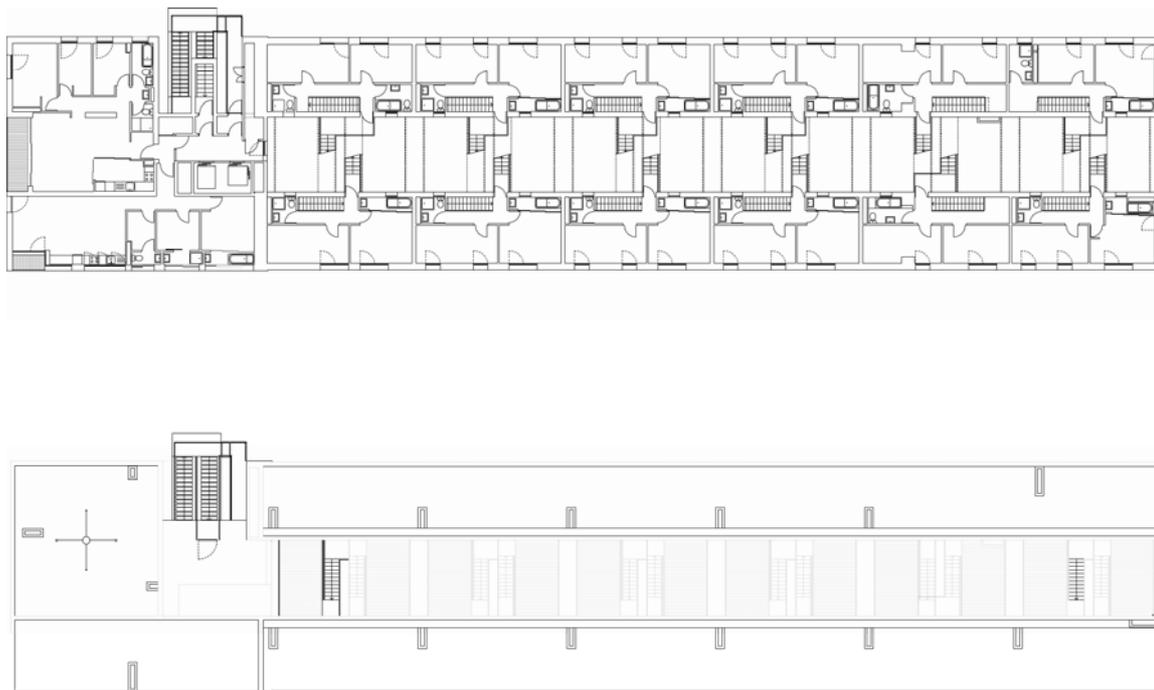


Figura 5.1.8. Plantas nível 20 e nível 19.
(Fonte: FRENCH,2009).



Figura 5.1.9. Planta nível 14, nível 13,.
(Fonte: FRENCH,2009).

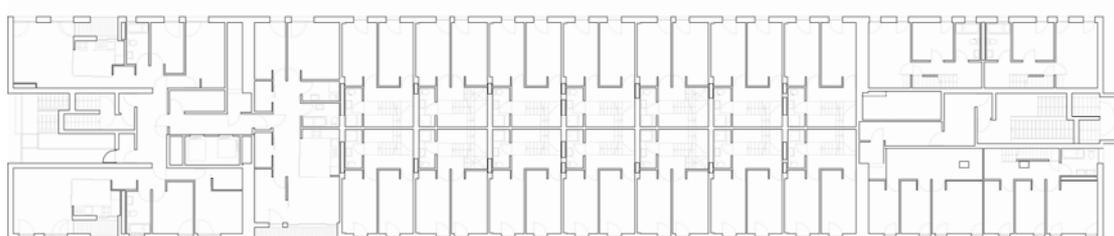
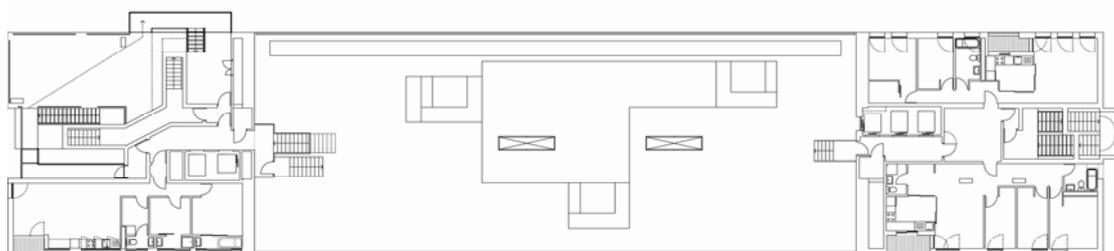


Figura 5.1.10. Planta nível 12 e nível 10.
(Fonte: FRENCH,2009).

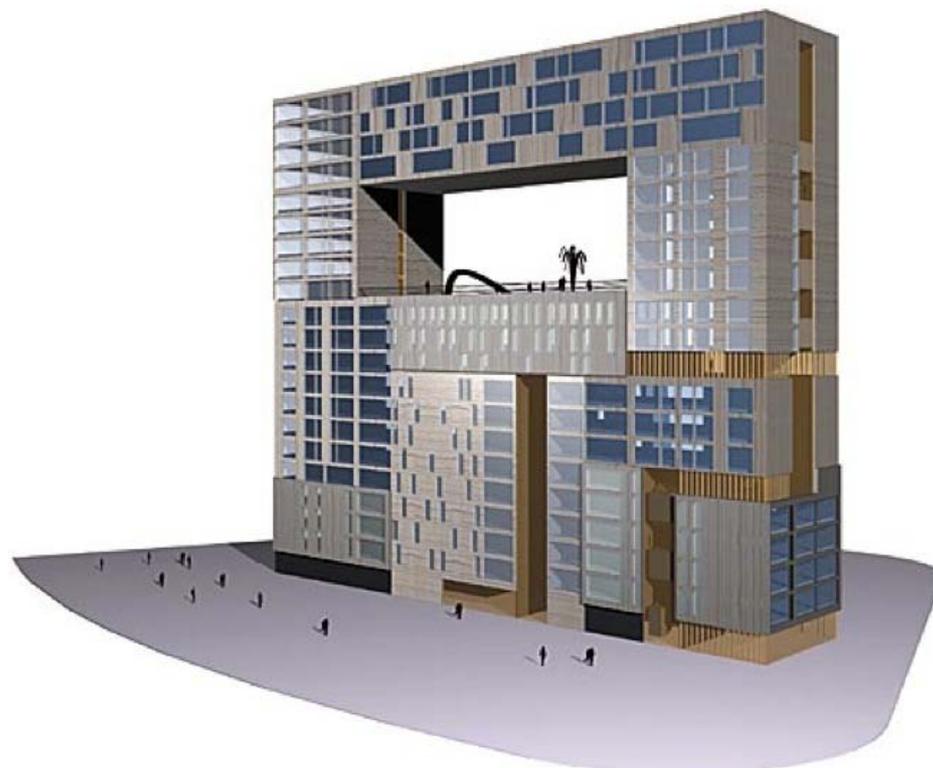


Figura 5.1.11. Render Inicial.
(Fonte: TODA ARQUITETURA,2009).

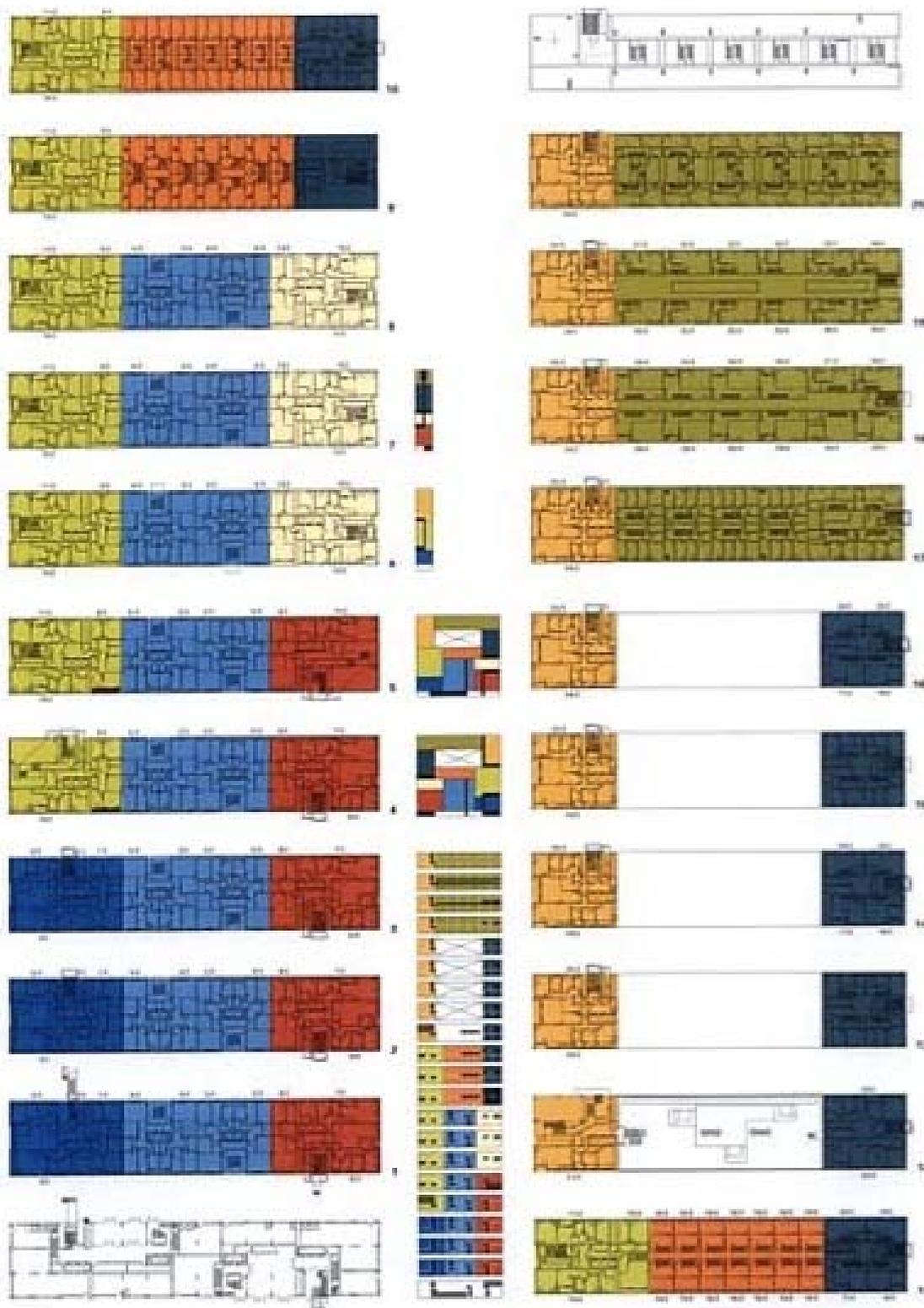


Figura 5.1.12. Tipologias de plantas.
(Fonte: EI CROQUIS).



Figura 5.1.13. Render Inicial.
(Fonte: TODA ARQUITETURA,2009).



Figura 5.1.14. Perspectiva Externa.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).

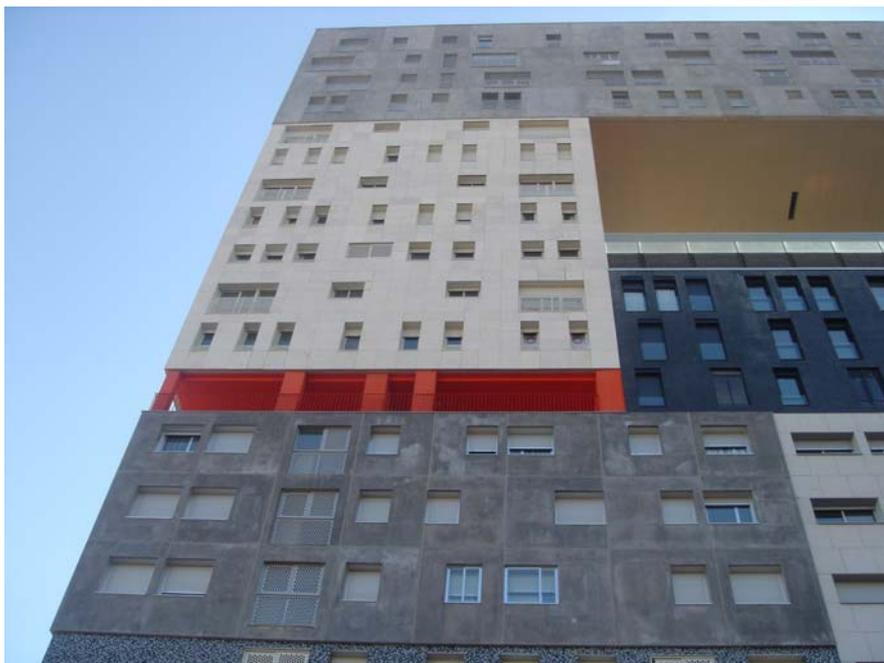


Figura 5.1.15. Perspectiva Externa.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).

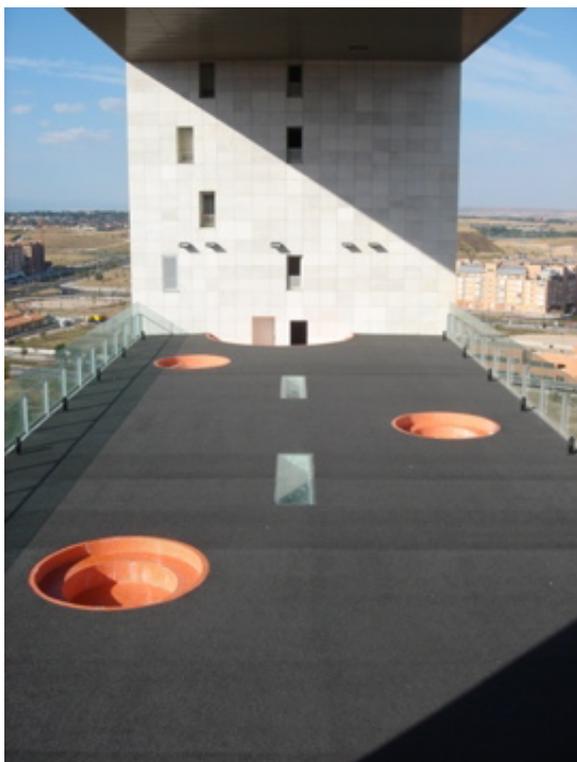


Figura 5.1.16. Perspectiva praça elevada.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).

5.2. 56 Leonard Street, New York, EUA.

Edifício projetado por Jacques Herzog e Pierre de Meuron para a ilha de Manhattan em Nova York. O edifício ainda não executado, localiza-se em um antigo e charmoso bairro da ilha, conhecido pelos seus restaurantes.

A torre terá 57 andares e abrigará 150 apartamentos distintos, os quais variam de 88 à 550 metros quadrados de área útil. Sua inserção urbana marcará o *skyline*, tanto pela altura, material e forma proposta. Sua circulação vertical é central com baterias de elevadores que também possuem função estrutural. Mais nas periferias estão os pilares cilíndricos que possibilitam e flexibilizam juntamente com as lajes a projeção das varandas. Em cada pavimento ocorre um novo arranjo de apartamentos, sempre com novas tipologias. As plantas dos apartamentos são bem organizadas e geralmente divididas em duas zonas não muito bem definidas: zona diurna e noturna e em alguns casos zona de lazer. A edificação é inteiramente vedada em vidro. Uma característica marcante da edificação são as grandes varandas que se projetam de maneira alternada e com diferentes dimensões, mas nunca de dimensões mínimas.

Na base do edifício, em uma de suas arestas há uma escultura do indiano Anish Kapoor semelhante a *Cloud Gate*. O projeto também conta com dois teatros, uma piscina, terraços verdes, sauna, salão para eventos e salão para conferências (Figs. 5.2.1 a 5.2.12).

O edifício é extremamente interessante e propicia uma grande variedade de usuários. Algumas de suas plantas são extremamente bem resolvidas. Assim ele enquadra-se nesse estudo.



Figura 5.2.1. Vista aérea noturna
(Fonte: DEZEEN, 2009).



Figura 5.2.2. Vista Exterior
(Fonte: DEZEEN, 2009).



Figura 5.2.3. Vista aérea exterior
(Fonte: DEZEEN, 2009).



Figura 5.2.4. Vista acesso
(Fonte: DEZEEN,2009).

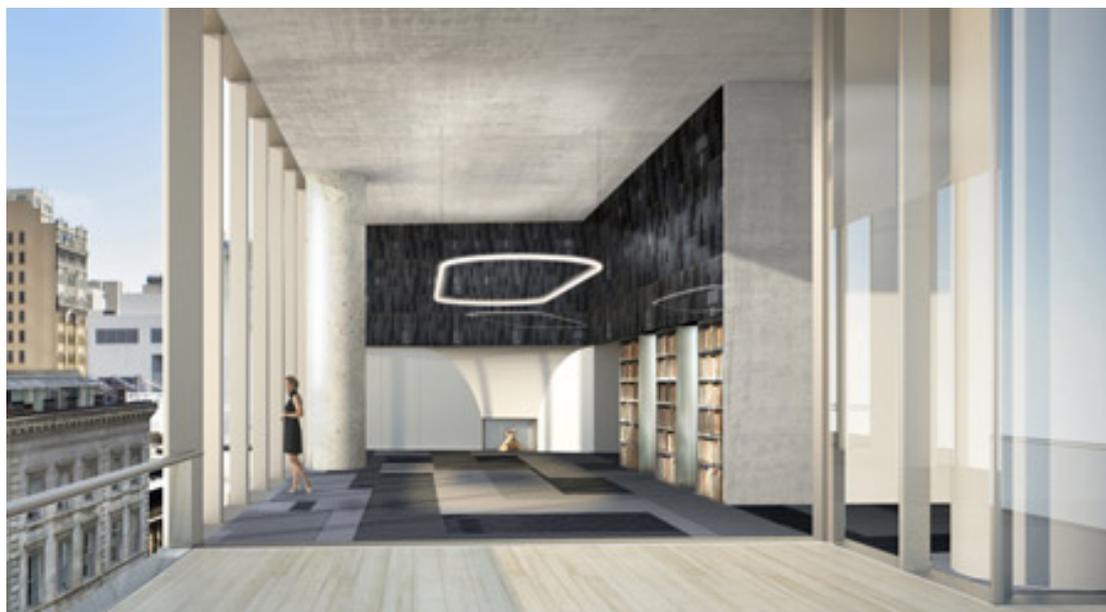


Figura 5.2.5. Vista interior livraria e lounge
(Fonte: DEZEEM, 2009).



Figura 5.2.6. Vista interior apartamento, cozinha e sala.
(Fonte: DEZEEN, 2009).



Figura 5.2.7. Vista interior piscina.

(Fonte: DEZEEN, 2009).

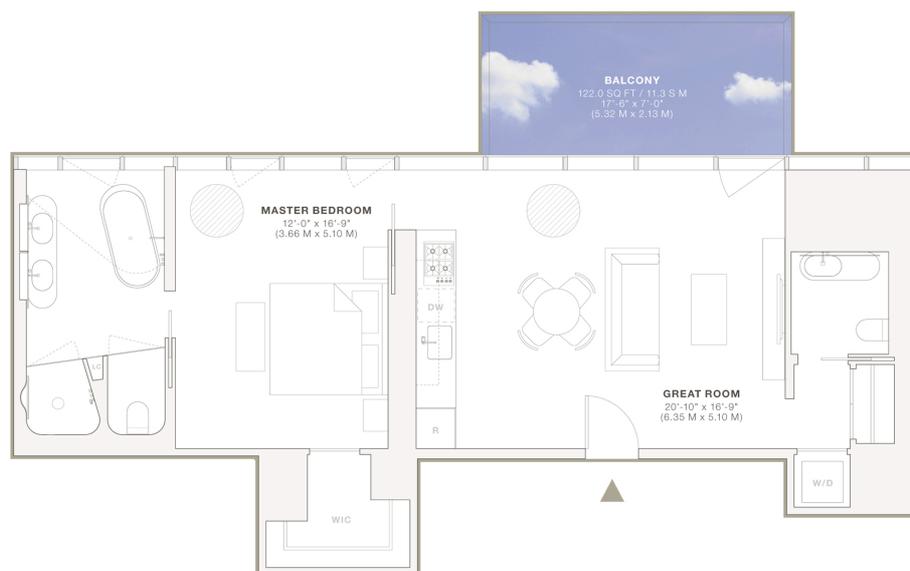


Figura 5.2.8. Planta apartamento com 1 quarto 60 m2 área privativa
(Fonte: 56LEONARDTRIBECA, 2009).

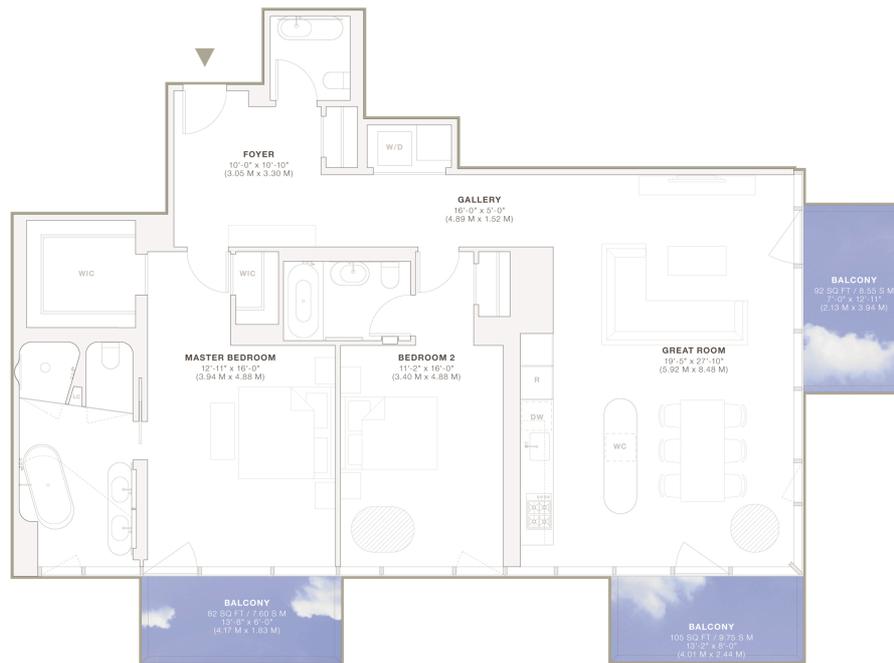


Figura 5.2.9. Planta apartamento com 2 quartos 88 m² área privativa (Fonte: 56LEONARDTRIBECA, 2009).

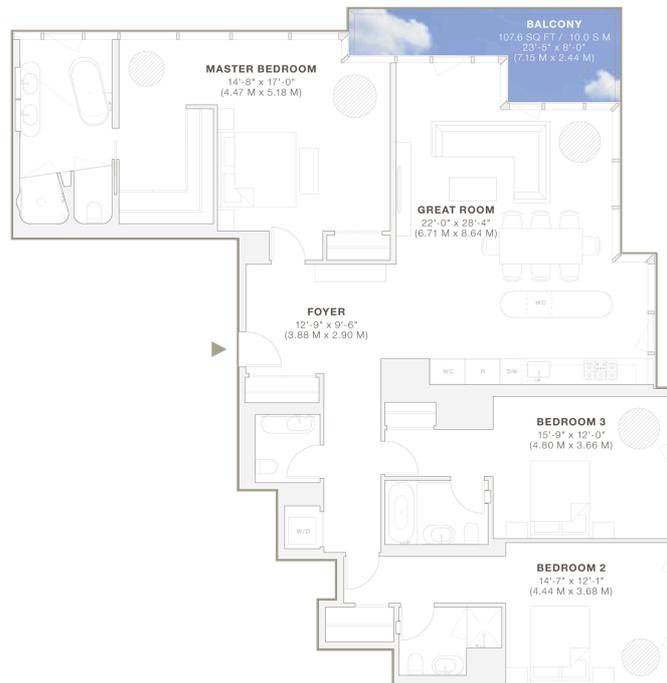


Figura 5.2.10. Planta apartamento com 3 quarto 144 m² área privativa (Fonte: 56LEONARDTRIBECA, 2009).



Figura 5.2.11. Planta apartamento com 4 quarto 220 m² área privada (Fonte: 56leonardtribeca)

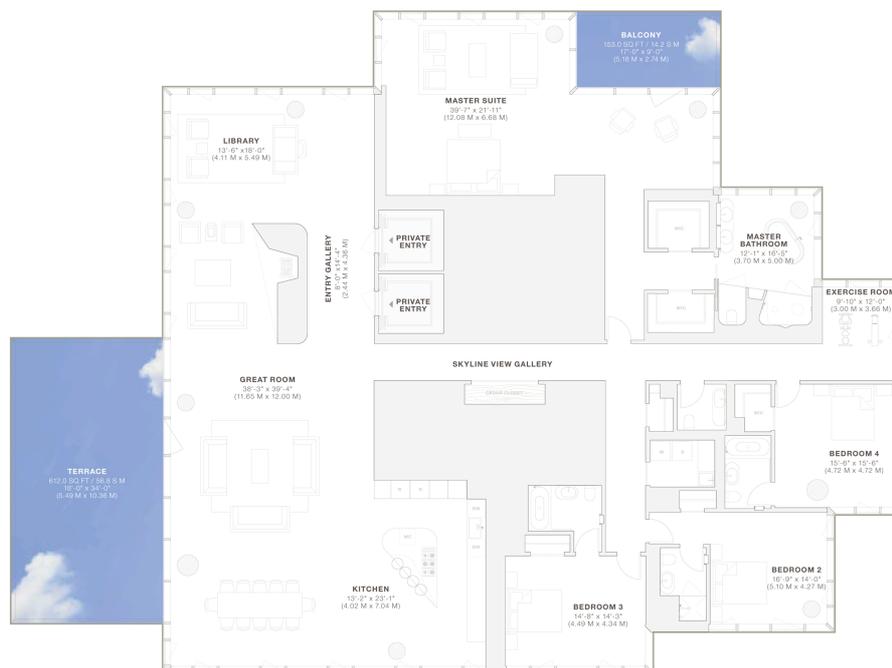


Figura 5.2.12. Planta apartamento com 5 quarto 500 m² área privada (Fonte: 56LEONARDTRIBECA, 2009).

5.3. Edifício “ A Baleia” Architekten Cie. Amsterdã, Holanda

O projeto de Borneo Sporenburg está baseado na casa-pátio tradicional holandesa e respeita o plano diretor de Adrian Geuze e West 8. A baleia, como é conhecida, é um marco local devido ao seu tamanho perante ao contexto e devido ao seu revestimento de placas de zinco. Realizado em 2000, o edifício ocupa uma área de 50X100 m em uma quadra fechada com 214 apartamentos. Contudo, altera a forma regular através do uso de uma linha inclinada de cobertura proveniente das diferentes alturas das fachadas. As plantas baixas não são repetidas e variam a cada pavimento, possibilitando uma grande variedade de apartamentos, especialmente nas esquinas mais altas. Os estacionamentos e as lojas estão no subsolo e no térreo. O pátio é permeável e conseqüentemente público, sendo observado por corredores de acesso em alternados pavimentos e pelos próprios apartamentos. Os apartamentos possuem jardins de inverno nas extremidades e com vista para todo o rio IJ. A circulação vertical ocorre por quatro núcleos principais localizados em posições estratégicas (Figs. 5.3.1 a 5.3.7).

Esta obra foi escolhida pela suas relações de vizinhança e pela sua conformação de um grande pátio semi-publico envolto por uma edificação de alta densidade.



Figura 5.3.1. Vista Aérea.
(Fonte: ARCHITECTURA1906, 2009).

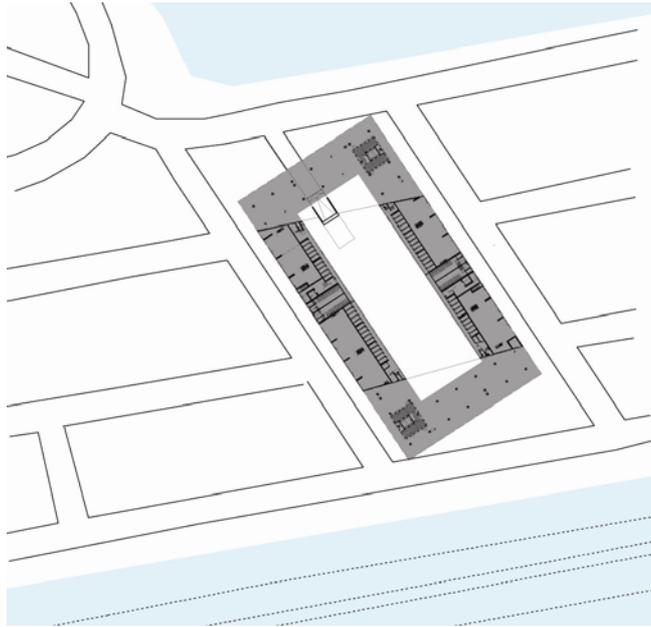


Figura 5.3.2. Planta de situação.
(Fonte:FRENCH, 2009).



Figura 5.3.3. Planta apartamento tipo.
(Fonte: FRENCH, 2009).



Figura 5.3.4. Elevação Lateral.
(Fonte: FRENCH, 2009).



Figura 5.3.5. Acesso.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).



Figura 5.3.6. Vista frontal.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).



Figura 5.3.7. Vista pátio.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2007).

5.4. Edifícios 360° - Isay Weinfeild e Fidalga 727- Tryptique.

Dois projetos brasileiros que receberam certo destaque internacional foram os trabalhos produzidos por Isay Weinfeild e o grupo Tryptique. O edifício 360° está localizado em São Paulo, possui 22 pavimentos com sessenta e dois apartamentos acessados por três elevadores em um lote de 2.797 m². Possui apartamentos de 130m², 170m² e 250 m², dispostos de maneira a formar bons terraços (Figs 5.4.1 a 5.4.4).



Figura 5.4.1. Vista externa 360° Isay Weinfeild.
(Fonte: WORLDARCHITECTURENEWS, 2009).



Figura 5.4.2. Vista acesso 360° Isay Weinfeild.
(Fonte: WORLDARCHITECTURENEWS, 2009).



Figura 5.4.3. Vista varanda 360° Isay Weinfeild.
(Fonte: WORLDARCHITECTURENEWS, 2009).



Figura 5.4.4. Vista varanda 360° Isay Weinfeild.
(Fonte: WORLDARCHITECTURENEWS, 2009).

Já o projeto do grupo Triptyque abrange uma outra dialética entre o tecido urbano e o ato de morar, pois as tipologias habitacionais recebem elementos com pátios jardins verticais, novos espaços interiores, novas relações. A circulação vertical é central e transforma-se em um jardim vertical que contrasta com a paisagem metropolitana de São Paulo. As aberturas são dispostas de modo assimétrico e ditam um bom ritmo às fachadas. A estrutura é em concreto e em algumas vezes a carga desce inclinada pelos pilares em X.



Figura 5.4.5. Vista lateral esquerda Fidalga 727 Triptyque.
(Fonte: TRIPTYQUE,2009).



Figura 5.4.6. Vista externa Fidalga 727 Triptyque.
(Fonte: TRIPTYQUE,2009).



Figura 5.4.7. Vista externa – acesso - Fidalga 727 Triptyque.
(Fonte: TRIPTYQUE,2009).

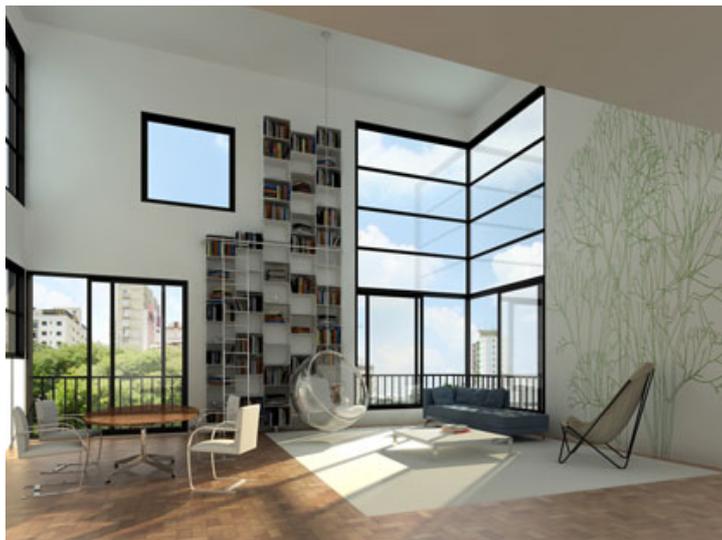


Figura 5.4.8. Vista interna apartamento Fidalga 727 Triptyque.
(Fonte: TRIPTYQUE,2009).

6. Interpretação da realidade

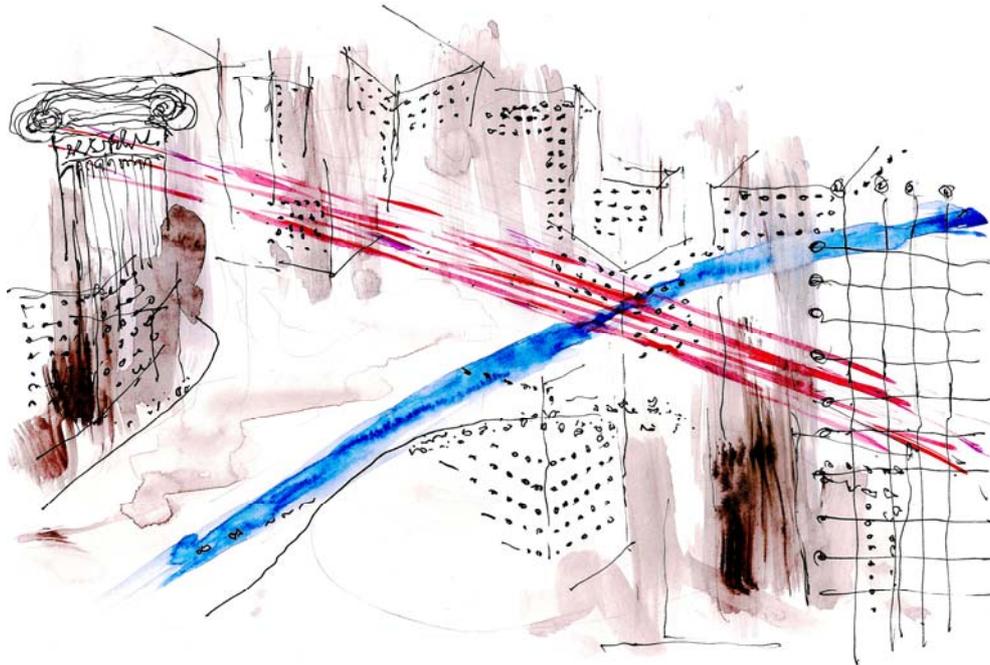


Figura 6.1. Croqui realidade
(Fonte: Acervo particular 2009).

A realidade curitibana está marcada inicialmente pelos seus traços de subdesenvolvimento - consequência natural do país em que está inserida - pela sua colonização e por alguns êxitos em seu planejamento urbano. Contudo, hoje Curitiba possui uma considerável região metropolitana e suas relações ultrapassam os limites estaduais e portanto não possui as mesmas características anteriores, da Curitiba provinciana. Isto porque seu residente provém das mais diversas localidades nacionais e internacionais. Hoje, Curitiba é multicultural.

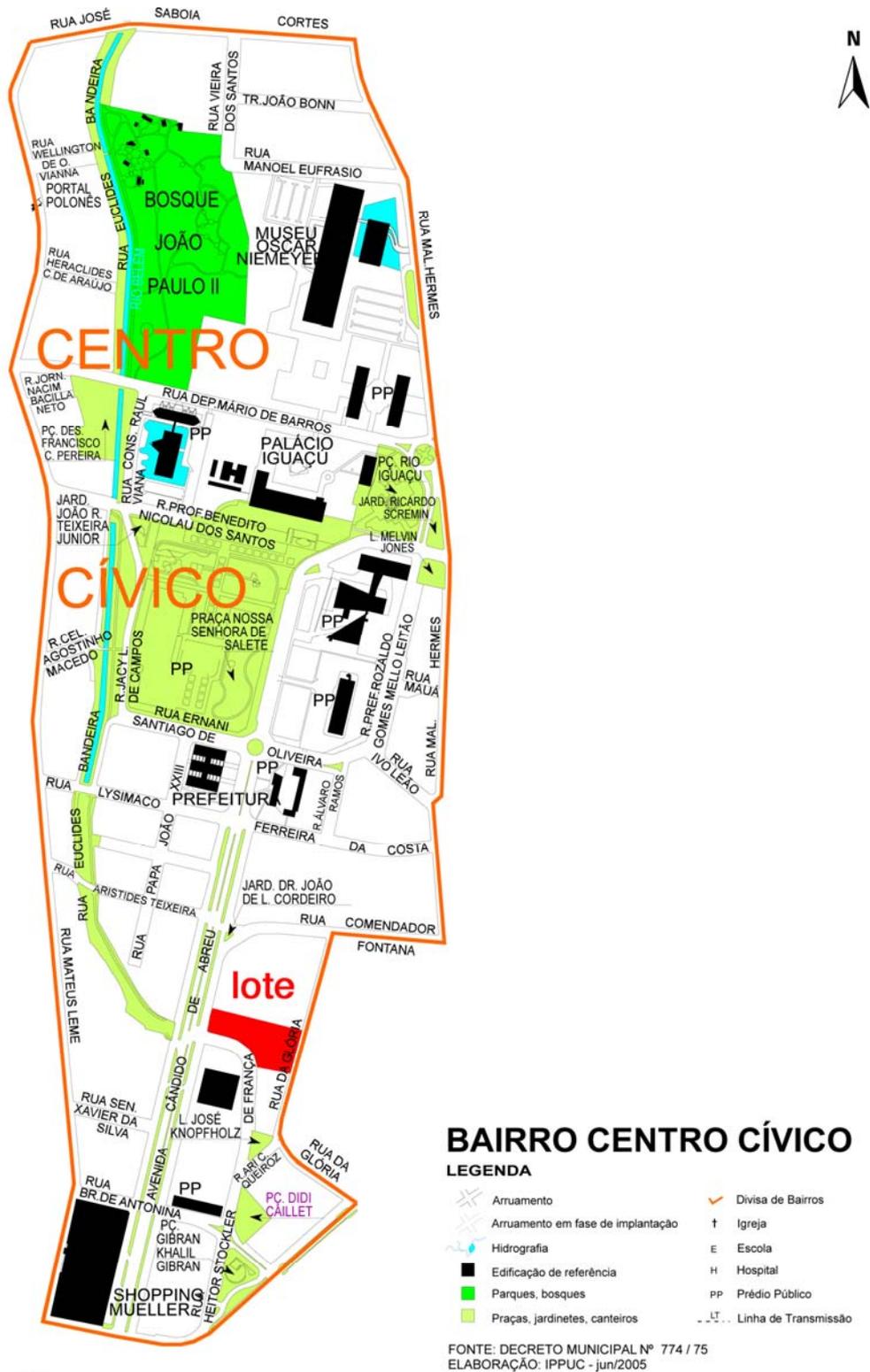
Sua área em franco desenvolvimento habitacional está concentrada no bairro Mossunguê. Enquanto a área central, com todas as infra-estruturas necessárias, encontra-se cada vez mais esquecida. A revolução informacional trouxe uma nova realidade cosmopolita à tona. Entretanto, isto não é visível na atualidade curitibana.

Os habitantes de Curitiba possuem aparelhos de alta tecnologia como celulares com vídeo-conferência, computadores e carros cada vez mais automatizados. Entretanto a arquitetura mantém-se a mesma; A mesma arquitetura que buscou ser moderna e não obteve êxito ou a arquitetura historicista homogenizadora imposta pelo Poder Público.

Assim, são poucas as áreas urbanas que demonstram a verdadeira vivacidade e dualidade da vida contemporânea. Porém, há locais com energia e potencial suficiente para transformar algumas relações pré-definidas.



Figura 6.2. Mapa de Curitiba - bairros.
(Fonte: PMC, 2009).



IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA
 SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES
 Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3250-1414 - Fax (55 41) 3254-8661 - E-mail= geo@ippuc.org.br

Figura 6.3. Mapa bairro centro cívico.
 (Fonte: PMC, 2009).

Um destes locais é o escolhido para o futuro projeto. O sítio encontra-se entre a Av. Cândido de Abreu (A), Rua da Glória (C) e Rua Heitor Stockler de França (B), no bairro Centro Cívico. Está entre a área central de Curitiba e o Palácio do Iguazu; entre o maior exponencial modernista curitibano e a tentativa historicista de marcar uma localidade; entre o a catedral e o museu Oscar Niemeyer ; entre o rio Belém e o capital curitibano; entre os fóruns e o shopping (D). Está em uma metrópole.



Figura 6.4. Foto aérea.
(Fonte: GOOGLE EARTH, 2009)

O bairro do Centro Cívico surgiu a partir do projeto de Alfred Agache em 1943 e é fortemente caracterizado para aquilo que foi concebido. Com um grande eixo nos quais as funções institucionais e legislativas acontecem. Todavia possui problemas urbanísticos na confrontação da malha antiga com a projetada por Agache.

Assim o lote está inserido nas contradições urbanas e regado por infra-estruturas pré-existentes. Nessa localidade as escalas coexistem, e trabalham de modo peculiar relacionada às demais regiões de Curitiba.

Essa região possui uma grande circulação de pessoas no período diurno, mas durante a noite, devido ao seu zoneamento modernista essa vivacidade desaparece e o silêncio paira.



Figura 6.5. Foto aérea.
(Fonte: GOOGLE EARTH, 2009).

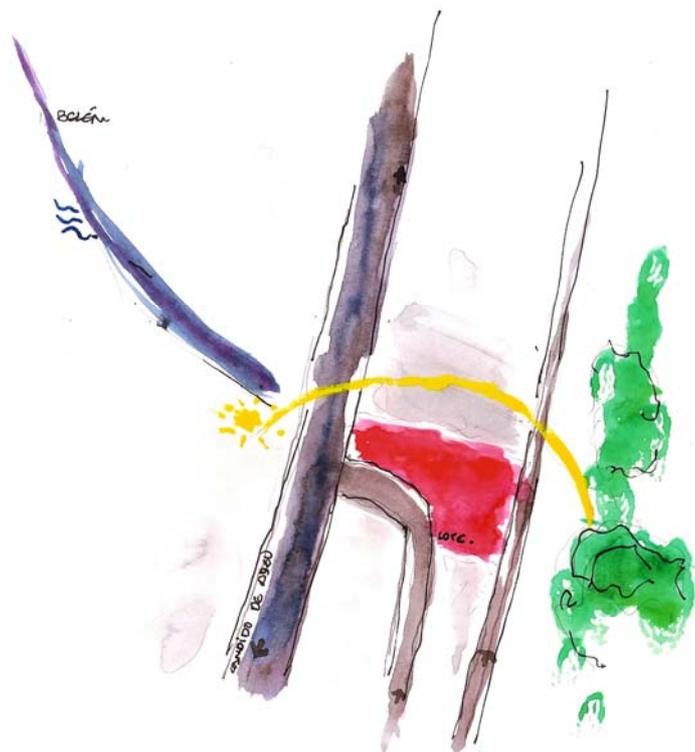


Figura 6.6. Croqui condicionantes locais.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.7. Foto 1 Candido de Abreu .
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.8. Foto 2 Candido de Abreu.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.9. Foto 3 Candido de Abreu .
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.10. Foto 4 Candido de Abreu.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.11. Foto 5 Aérea .
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).

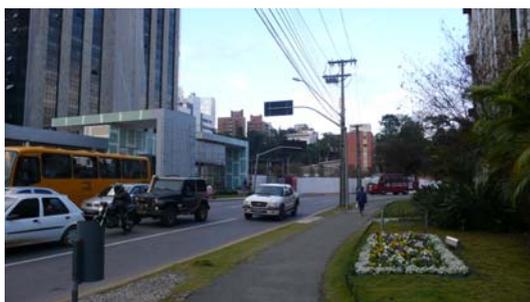


Figura 6.12. Foto 6 R. H. Stockler de França.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.13. Foto 7 R. H. Stockler de França.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.14. Foto 8 lote.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.15. Foto 9 lote .
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.16. Foto 10 Rua da Glória.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).



Figura 6.17. Foto 11 lote.
(Fonte: ACERVO PARTICULAR, 2009).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Secretaria Municipal do Urbanismo

Consulta para Fins de Construção

Inscrição Imobiliária 03.0.0018.0196.00-3	Sublote -	Indicação Fiscal 32.077.100	Nº da Consulta / Ano 177829/2007
---	--------------	---------------------------------------	--

Bairro: CENTRO CIVICO Rua da Cidadania: Matiz
Quadricula: I-13

Informações da SMU - Secretaria Municipal do Urbanismo
Testadas do Lote

Posição do Lote: **Esquina p/ mais de 02 testadas**

1- Denominação: **AV. CANDIDO DE ABREU** Sistema Viário: **NORMAL**
Cód. do Logradouro: N006 Tipo: Principal Nº Predial: 470 Testada (m): 40,10
Dados de Projeto de Rua (LUS-5.1): OBEDECER O ALINHAMENTO CONFORME O PROJETO APROVADO DA RUA SOLICITAR A DEMARCAÇÃO TOPOGRÁFICA DO ALINHAMENTO PREDIAL

2- Denominação: **R. DA GLÓRIA** Sistema Viário: **NORMAL**
Cód. do Logradouro: N002 Tipo: Secundária Nº Predial: 249 Testada (m): 15,00
Dados de Projeto de Rua (LUS-5.1): OBEDECER O ALINHAMENTO CONFORME A PLANTA DE LOTEAMENTO SOLICITAR A DEMARCAÇÃO DO ALINHAMENTO, CASO A PLANTA SEJA APROVADA.

3- Denominação: **R. HEITOR STOCKLER DE FRANÇA** Sistema Viário: **NORMAL**
Cód. do Logradouro: N002 Tipo: Secundária Nº Predial: 384 Testada (m): 78,00
Dados de Projeto de Rua (LUS-5.1): OBEDECER O ALINHAMENTO CONFORME A PLANTA DE LOTEAMENTO, SOLICITAR A DEMARCAÇÃO DO ALINHAMENTO, CASO A PLANTA SEJA APROVADA.

Cone da Aeronáutica: 1.010,00m em relação a Referência de Nivel (RN) Oficial
Facho de Telefonia: NAO SOFRE INFLUENCIA DE FACHO

Parâmetros da Lei de Zoneamento
Zoneamento: **SE-CC.CÂNDIDO ABREU (INCENTIVO - CENTRO CIVICO)**
Sistema Viário: **NORMAL/NORMAL/NORMAL**
"Em caso de dúvidas ou divergências nas informações impressas, vale a Legislação Vigente."

Classificação dos Usos
Usos Permissíveis Habitacionais:
HABITAÇÃO COLETIVA.
HABITAÇÃO TRANSITÓRIA 1 E 2.
TOLERADO UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR POR LOTE.
PARA MAIS DE DOIS BLOCOS DE HABITAÇÃO COLETIVA NO LOTE, CONSULTAR O IPPUC.
Usos Permissíveis Comerciais:
COMÉRCIO E SERVIÇO VICINAL, DE BAIRRO E SETORIAL EXCETO CENTROS COMERCIAIS.
Usos Tolerados:
.....
Usos Permissíveis:
COMUNITÁRIO 2 - LAZER E CULTURA.
CENTROS COMERCIAIS.
*Os parâmetros de construção para os Usos Permissíveis, serão definidos pelo Conselho Municipal de Urbanismo.
Usos Proibidos:
.....

Parâmetros da Construção

030309-3 429191-4

Página 1 de 4

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Secretaria Municipal do Urbanismo

Consulta para Fins de Construção

Inscrição Imobiliária 03.0.0018.0196.00-3	Sublote -	Indicação Fiscal 32.077.100	Nº da Consulta / Ano 177829/2007
---	--------------	---------------------------------------	--

Coefficiente de Aproveitamento
5,0

Taxa de Ocupação
50%

Taxa de Permeabilidade
25%

Densidade máxima
.....

Altura Máxima
LIVRE
ATENDEDO LIMITE DA ANATEL E AERONAUTICA.

Recuo Frontal
10,00 M PARA A AV. CANDIDO DE ABREU, ATENDIDO PROJETO DE PAISAGISMO DA VIA E DECRETO 189/2000.

Afastamento das Divisas
ATE OS PAVIMENTOS: 2,50 M.
DEMAIS PAVIMENTOS H/8 ATENDIDO O MÍNIMO DE 3,00 M.

Estacionamento
OBEDECER O CONTIDO NO DECRETO 582/90 E DECRETO 189/2000.

Recreação
OBEDECER O CONTIDO NO DECRETO 01/88.

Observações Para Construção
1 - Uso proibido: super e hipermercado.
2 - Atender o decreto 189/2000.

Informações Complementares

Código	Observações
1	PROIBIDO ESTACIONAMENTO COM ACESSO PELA RUA HEITOR STOCKLER FACE SOLICITACAO DO DIRETRAN LUS 28 11 01
9	16069/2000 PROVIDO CMU ATE 31/12/2001 R 082036 082320 P/EXPEDICAO DO ALVARA DEVE RA IMPLANTAR GUARITA DE CONTROLE FORA DA AREA DE ACUMULO LACAO DEMARCADA A FOLHA 15 INFORMATIVO CMU 00329/2000 16069/2000 ATENDIDA A CONDI. CIONANTE 6940/2002 PROVIDO CMU TIT PREC- 31/12/2004. ACESSO SOMENTE PELA AV. CANDIDO DE ABREU. CONS.COMERCIAL 208/2002-CMU 4485/2002 PROVIDO CMU TIT PREC- 31/12/2004. *PIRENOVAÇÃO DEVERÁ SER MANTIDO O ESTACIONAMENTO NO INTERIOR DO LOTE. *ACESSO DE VEICULOS AO ESTACIONAMENTO SOMENTE PELA AV. CANDIDO D'ABREU *CONS.COMERCIAL 547/2002-CMU. Processo 01-000982/2005 decisão Interlocutoria para ciência e/ou esclarecimentos Processo 01-000982/2005 liberação de consulta amarela, decisão Negado Processo 01-000982/2005 liberação de consulta amarela, decisão Provido parcial com condições Processo 01-010367/2007 reconsideração de processo, decisão Provido parcial com condições Processo 01-010367/2007 reconsideração de processo, decisão Provido parcial com condições
115	POLÍCIA AMBIENTAL - ATIVIDADES DE RISCO AMBIENTAL SEM POSSIBILIDADE DE RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA DE ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO
217	24599/07UJ3-NOTIF 40066 (22.02.2007) COMÉRCIO IRREGULAR (ESTACIONAMENTO DE VEICULOS).

Bloqueios
.....

030309-3 429191-4

Página 2 de 4

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Secretaria Municipal do Urbanismo

Consulta para Fins de Construção

Inscrição Imobiliária 03.0.0018.0196.00-3	Sublote -	Indicação Fiscal 32.077.100	Nº da Consulta / Ano 177829/2007
---	--------------	---------------------------------------	--

.....

Alvarás de Construção
Sublote: 0

Número Antigo:	009948C	Número Novo:	9671
Número Antigo:	029526B	Número Novo:	40875
Número Antigo:	031413B	Número Novo:	43901
Número Antigo:	042620A	Número Novo:	64315
Número Antigo:	066222B	Número Novo:	90295
Número Antigo:	075367A	Número Novo:	11155
Número Antigo:	102830A	Número Novo:	135581
Número Antigo:		Número Novo:	256822

Informações de Plantas de Loteamentos (UCT 6)
Sublote Situação de Foro Nº Documento Foro
0000 Foreiro Livro F3199
0001 Foreiro

Dados Sobre Planta de Loteamento
Cód. Planta/Croqui Nome da Planta Nº Quadra Nº Lote Situação do Lote
C07902 CROQUI Lote dentro do perímetro de Planta/Croqui aprovada

** Por se tratar de terreno foreiro, solicitar Carta de Averbação de Aforamento no protocolo do Cadastro Técnico (UCT 6).
** Sujeito a Averbação.

Informações do IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
.....

Informações da SMOP - Secretaria Municipal de Obras Públicas
Faixa não Edificável de Drenagem

Situação Lote não Altingido	Faixa Sujeito à Inundação NAO	Diâmetro da Tubulação	Água Corrente NAO
-----------------------------	-------------------------------	-----------------------	-------------------

Características: Conforme vistoria "In Loco".
Observações

Informações da SMMA - Secretaria Municipal do Meio Ambiente
** Existindo árvores no imóvel é obrigatória a consulta à MAPM.**

Informações da SMF - Secretaria Municipal de Finanças
Espécie: Subeconomia Não Residencial
Área do Terreno: 5.282,00 m² Área Total Construída: 3.371,30 m² Qlde. de Sublotes: 2

030309-3 429191-4

Página 3 de 4

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Secretaria Municipal do Urbanismo

Consulta para Fins de Construção

Inscrição Imobiliária 03.0.0018.0196.00-3	Sublote -	Indicação Fiscal 32.077.100	Nº da Consulta / Ano 177829/2007
---	--------------	---------------------------------------	--

Dados dos Sublotes

Sublote	Utilização	Ano Construção	Área Construída
0000	Comercial	1988	2.816,30 m²
0001	Comercial	1982	555,00 m²

Infraestrutura Básica

Cód. Logradouro	Planta	Pavimentação	Esgoto	Iluminação Pública	Coleta de Lixo
N002	C	ASFALTO	EXISTE	Sim	Sim
N004	I	ASFALTO	NAO EXISTE	Sim	Sim
N006	E	ASFALTO	EXISTE	Sim	Sim

Observações Gerais

- Considerando a necessidade de adequar e organizar os espaços destinados a circulação de pedestres, a construção ou reconstrução de passeios deverá obedecer os padrões definidos pelo Decreto 1.066/2006
- A altura da edificação deverá obedecer as restrições do Ministério da Aeronáutica, referentes ao plano de proteção dos aeródromos e as restrições da Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel, referentes ao plano de canais de microondas de telecomunicações do Paraná.
- Todo o esgotamento sanitário (banheiro, lavandários e cozinhas) deverá obrigatoriamente ser conectado a rede coletora de esgoto existente na via pública. No caso de cozinhas deverá ser prevista a caixa de gordura antes da refeitória rede.
- Na ausência da rede coletora será tolerada a utilização de fossas e sumidouros, desde que seja previsto o ramal para futura interligação com a mesma.
- As águas pluviais devem ser direcionadas obrigatoriamente a galeria de água pluvial existente na via pública.
- Para qualquer tipo de construção, reforma ou ampliação, consultar a Sanepar quanto a ligação domiciliar de esgoto.

*** Prazo de validade da consulta - 180 dias ***

Responsável pela Emissão CONSULTA IMPRESSA VIA INTERNET	Data 23/10/2007
---	----------------------------------

ATENÇÃO
:: Formulário informativo para elaboração de projeto. Não dá direito a construir.
:: Início da obra somente após a expedição do Alvará de Construção.
:: Em caso de dúvidas ou divergência nas informações impressas valem as informações atualizadas do Lote, bem como a Legislação vigente.

Versão: 3.0.0.95 Para maiores informações acesse: www.curitiba.pr.gov.br

030309-3 429191-3

Página 4 de 4

Figura 6.18. Guia Amarela.
(Fonte: PMC, 2007).

7. Diretrizes gerais do projeto

A Habitação coletiva conta com noventa e cinco apartamentos distintos. Cada apartamento terá uma planta única com características peculiares decorrentes de sua área, iluminação, volume interno e visual. Estará localizada em um lote de 5.292,00 m² com coeficiente de aproveitamento 5, o que possibilita uma área construída total de 26.460, m². Pela deficiência de um uso único e as proporções do lote escolhido haverá usos complementares ao habitacional.

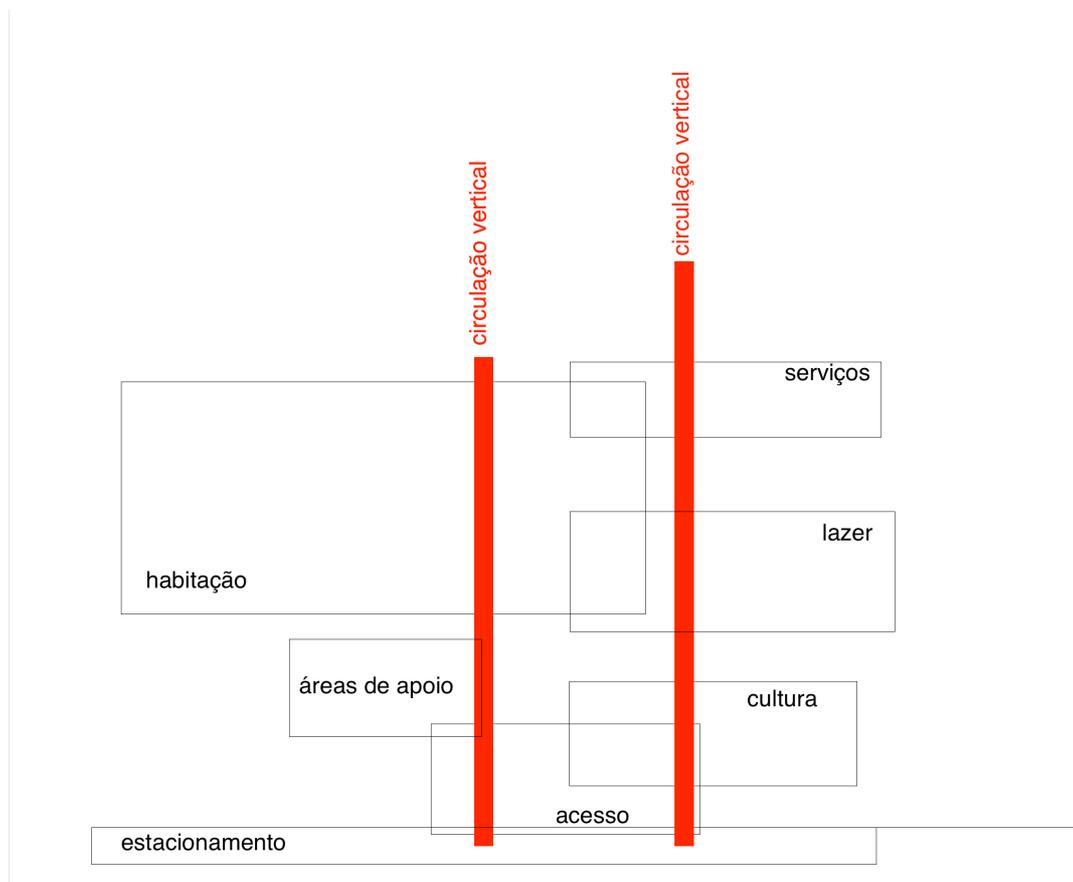
Na edificação, haverá uma área pública destinada à cultura. Aonde os “ateliers” possibilitarão um trabalho social, assim como servirão para artistas interessados, funcionando conjuntamente com um espaço expositivo. Para o lazer haverá um clube desportivo que estabelecerá um uso semi-público.

A proposição do programa foi decorrente do processo reflexivo sobre as necessidades de uma habitação metropolitana.

Programa inicial

HABITAÇÃO COLETIVA				
Função	Descrição	Área média (m2)	Quantidade	TOTAL média (m2)
Habitação 1	Habitação com um quarto	60.00	20.00	1,200.00
Habitação 2	Habitação com dois quartos	88.00	25.00	2,200.00
Habitação 3	Habitação com três quartos	140.00	25.00	3,500.00
Habitação 4	Habitação com quatro quartos	220.00	20.00	4,400.00
Habitação 5	Habitação com cinco quartos ou mais	500.00	5.00	2,500.00
Áreas de apoio				
vestiário funcionários		20.00	2.00	40.00
copa		10.00	1.00	10.00
depósito		20.00	1.00	20.00
hall		200.00	1.00	200.00
zeladoria		80.00	1.00	80.00
administração	administração geral do empreendimento	40.00	1.00	40.00
estacionamento	conforme legislação vigente	15.00	230.00	3,450.00
	áreas de circulação mais estrutura 17%		0.17	2,998.80
total parcial				20,598.80
ÁREAS DE LAZER - clube público				
quadra poliesportiva		450.00	1.00	450.00
piscina		350.00	1.00	350.00
vestiário		30.00	2.00	60.00
academia		100.00	1.00	100.00
sala de ginástica		100.00	1.00	100.00
sauna		25.00	2.00	50.00
sanitários		10.00	4.00	40.00
bar		50.00	1.00	50.00
sala de jogos		100.00	1.00	100.00
administração		40.00	1.00	40.00
depósito		20.00	1.00	20.00
estacionamento	conforme legislação vigente 25 m2 área construída	15.00	54.40	816.00
	áreas de circulação mais estrutura 15%		15	204.00
total parcial				2,380.00
ÁREA DE COMÉRCIO E SERVIÇO				
restaurante	restaurante completo	250.00	1.00	250.00
café	café que servirá o espaço expositivo	70.00	1.00	70.00
sanitários		10.00	2.00	20.00
estacionamento	conforme legislação vigente 25 m2 área construída	15.00	13.60	204.00
	áreas de circulação mais estrutura 15%			51.00
total parcial				595.00
ÁREAS CULTURAIS				
ateliers	ateliers para prática e ensino de atividades artísticas	100.00	3.00	300.00
sanitários		10.00	2.00	20.00
espaço expositivo		500.00	1.00	500.00
copa		20.00	1.00	20.00
depósito		20.00	1.00	20.00
sala de apoio		40.00	1.00	40.00
estacionamento	conforme legislação vigente 25 m2 área construída	15.00	36.00	540.00
	áreas de circulação mais estrutura 15%			135.00
total parcial				1,495.00
TOTAL ÁREA CONSTRÍDA				25,068.80

Fluxograma



8. Conclusão

A pesquisa é parte atuante no processo arquitetônico, e, nesse caso em específico, possibilitou a reflexão sobre a história da habitação e suas diversas relações. Demonstrou a obrigatoriedade de uma postura de projeto condizente com as relações urbanas e humanas. Sempre em uma busca de novas interpretações do habitar.

9. Referências Bibliográficas

ABALOS, Inaki. **A Boa Vida - Visita guiada as casas da modernidade**. Barcelona: Gustavo Gili, **2003**.

A+U. **August extra edition, Peter Eisenman**. Tokyo, A + U Publishing Co. , **1988**.

BAKER, Geoffrey. **Le Corbusier – Uma Análise da Forma**. São Paulo: Martins Fontes, **1998**.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, **2001**.

BENÉVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. São Paulo, Perspectiva, **2001**.

BENJAMIN, Andrew. **Architectural Philosophy**. London: The Athlones Press, **2000**.

BOESIGER, Willy. **Le Corbusier – Oevre Complete**. Berlim: Birkhauser Publishers **1999**.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva **2006**.

EISENMAN, Peter. Post / EL Cards: A reply to Jacques Derrida, Assemblage, No. 12, 1990, p. 16.

El croquis. 111, **MVRDV 1997-2002**. Madrid: El Croquis editorial, **2002**.

El croquis. 77(I), **Kazuyo Sejima 1988-1996**. Madrid: El Croquis editorial, **1996**.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora Ltda, 2000.

KIPNIS, Jeffrey. **Peter Eisenman Fin D'out t Hou S**. London: Architectural Association, 1985.

-KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante - Um manifesto retroativo para Manhattan**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

-KOOLHAAS, REM; MAU, Bruce. **S,M,L,XL**. 2.ed., New York: The Monacelli Press, 1998.

-KOOLHAAS, Rem. **Mutations**. Barcelona: Actar, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da casa brasileira**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1996.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. Cosac Naify, 2006.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas de plantas – Viviendas**. 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

10. Referências Webgráfica

MAHFUZ, Edson. Arqutextos 40 - *The importance of being reidy*. Portal Vitruvius disponível em: <[http:// www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br) >
Acesso em: 12. Jun. 2009

MVRDV Disponível em: < <http://www.mvrdv.nl>>
Acesso em: 16. Jun.2009.

NAZARETH, Oswaldo. Conjunto Pedregulho, de Afonso Eduardo Reidy. Campanha do IAB-RJ para restauração imediata. Portal Vitruvius disponível em: :<<http:// www.vitruvius.com.br>>
Acesso em: 12. Jun. 2009.

11.Fontes de Ilustração:

ARCHDAILY Disponível em: < <http://www.archdaily.com>>
Acesso em 15.jun.2009.

ARCHILAB Disponível em: <<http://www.archilab.org>>
Acesso em 02.jun. 2009.

ARCH ETHZ Disponível em: <<http:// www.arch.ethz.ch>>
Acesso em 12.jun. 2009.

ARCHITECTURA1906 Disponível em: <<http://www. arquitetura1906.ro>>
Acesso em 16.jun.2009.

ARCHITECTURE ABOUT Disponível em:
<<http://www.architecture.about.com>>
Acesso em 12.jun. 2009.

ARCHITECTURE WEEK Disponível em: <<http://www.architectureweek.com>>
Acesso em 16.jun.2009.

ARTIGAS, Rosa. **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Cosac Naify,2000.

ARTTOWERMITO Disponível em: <<http://www.arttowermito.or.jp>>
Acesso em 12.jun. 2009.

BENÉVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. São Paulo, Perspectiva, 2001.

BOESIGER, Willy. **Le Corbusier – Oevre Complete**. Berlim: Birkhauser Publishers 1999. Pg194.

CPLUY Disponível em: <<http://www.cpluv.com>>
Acesso em 12.jun. 2009.

DEZZEN Disponível em: <<http://www.dezzen.com>>
Acesso em 12.jun. 2009.

FRENCH, Hilary. **Os + Importantes Conjuntos Habitacionais do Século XX – plantas cortes e elevações**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GALINSKY Disponível em: <<http://www.galinsky.com>>
Acesso em 12.jun. 2009.

HONG KONG POLYTECHNIC UNIVERSITY Disponível em:
<<http://www.cse.polyu.edu.hk/notices-1.htm>>
Acesso em: 29.maio.2009.

HOUSING 2009 Disponível em: <<http://www.housing2009.wordpress.com>>
Acesso em 15.jun.2009.

LAALMAZARA **RESIDENTIAL** Disponível

em: <<http://www.laalmazararesidencial.com>>

Acesso em 16.jun.2009.

OLBDAILEY ONLINE Disponível em: <<http://www.oldbaileyonline.org>>

Acesso em 12 jun. 2009.

OMA Disponível em: <<http://oma.nl>>

Acesso em 12 jun. 2009.

PANORAMIO Disponível em: <<http://www.panoramio.com>>

Acesso em 29.maio.2009.

ROB KASSABIANAN Disponível em: <<http://www.robkphoto.com>>

Acesso em 02. jun. 2009.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas de plantas – Viviendas**. 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

SERIAL CONSIGN Disponível em :<<http://serialconsign.com>>

Acesso em 02 jun. 2009.

STRATHMORELIVING Disponível em: <<http://strathmoreliving.blogspot.com>>

Acesso em 02.jun. 2009.

TODA ARQUITETURA Disponível em: < <http://www.todoarquitectura.com>>

Acesso em 15.jun.2009.

TRIPTYQUE Disponível em: <<http://www.triptyque.com>>

Acesso em 16.jun.2009.

URBALIS Disponível em:< <http://WWW.urbalis.files.wordpress.com>>

Acesso em 13.jun. 2009.

WORLD ARCHITECTURE NEWS Disponível em:

<<http://www.worldarchitecturenews.com>>

Acesso em 16.jun.2009.

56LEONARD TRIBECA Disponível em: <<http://www.56leonardtribeca.com>>

Acesso em 16.jun.2009.